



**A PLAYBOY  
AINDA VOA  
NAS ASAS  
DA PANAIR**

# MULHERIO

ano V n.º 20  
São Paulo  
jan./ fev.  
março 85  
Cr\$ 2.500,00



**ENTREVISTA COM UMA PRESIDÁRIA**

**“NÃO TEM  
SAÍDA.  
DÁ PRA  
ENTENDER?”**

### Amigas do MULHERIO:

Tenho feito o que posso (de verdade!) pelo MULHERIO, mas as coisas não estão fáceis (que novidade, né?) a grana cada vez mais curta e as contas cada vez mais longas. Ainda mais para nós, professores estaduais, que temos o nosso salário reajustado apenas uma vez por ano. Minhas colegas são unânimes em elogiar o MULHERIO, mas daí a se dispor a fazer uma assinatura...

A cada número eu curto mais o jornal! Foi muito bom vocês terem colocado a questão político-partidária no número 19 (que aliás, novamente, não recebi meu exemplar de assinante), porque muita gente tem um pé atrás com o **Mulherio** argumentando que só pode ser coisa do PT e aqui a prevenção contra o PT é grande em virtude da atuação de certos petistas da cidade... Esclarecendo essa questão, acho que o negócio vai ficar mais fácil, minhas companheiras do PMDB certamente se mostrarão mais receptivas.

**Luiza** — Caxias do Sul, RS

### Prezadas Companheiras:

Que beleza o "novo" **Mulherio**! Seguro, informativo, provocador, bom de briga e luta. (...)

No mais, o Nordeste continua "abandonadíssimo", mas estaremos à disposição para contatos. Um bom ano para todas. Abraços.

**Wilma Lessa** — Secretária Diretora da Casa da Mulher do Nordeste — Recife, PE.

### Ao MULHERIO

Gosto muito do **Mulherio**, espero que continue nesta linha. Sugiro que saia uma reportagem sobre as pesquisas realizadas e não publicadas e também as pesquisas que estão sendo feitas atualmente sobre mulher no Brasil. Nesta área, para quem não mora em Rio/SP, é muito difícil saber o que está sendo feito. O meu abraço a vocês todas.

**Miriam Pillar Grossi** — Paris, França.

### Vera,

Estamos adorando o **MULHERIO**, é um jornal como esse que necessitamos aqui no Brasil e principalmente no Nordeste. Os debates que saem no jornal nos ajudam a questionar as pessoas e fazê-las refletir sobre a questão da mulher e de toda sociedade em geral.

Gostamos também do interesse de vocês em levantar as questões políticas e sociais, não podemos nos isolar dessa luta que envolve todo o povo brasileiro.

Sigam em frente companheiras, nós estaremos aqui torcendo por vocês e dando nossa pequena contribuição. Abraços.

**Terеза** — Grupo 4 de janeiro — Fortaleza, CE.

2 MULHERIO

### Prezadas Amigas:

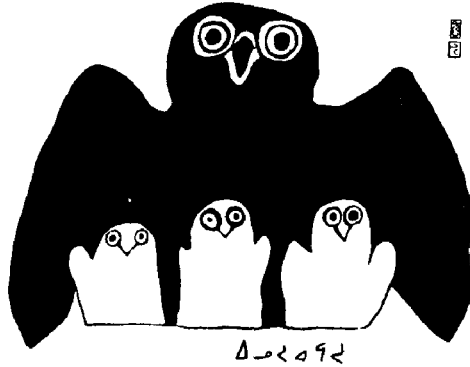
Desejo um Feliz Natal e Ano Novo cheio das bênçãos de Deus para todas. Continuo lutando pela nossa revista! É uma "voz no deserto".

Peço-lhes a gentileza de confirmar nosso endereço (digo "nosso" pois meu esposo também lê **MULHERIO**).

### Tanya.

Adoramos o jornal, especialmente as matérias sobre o "pagode da sucessão". Abraços.

**Saul Beltrão** — Belém, PA



Estou fazendo cursos de pós-graduação em Tanatologia e considero que a mulher tem sofrido muitas e muitas "mini-mortes" através de estupro (trabalhei num hospital norte-americano no Rape Crisis Clinic), separações, circuncisões (muçulmanas e cristãs na Etiópia) etc. Acho que historicamente Mulher e Morte são temas intimamente ligados.

Gostei do artigo extraído do livro sobre a mulher judaica. Um dia ainda espero submeter algo para a sua consideração e crítica. Compreendo que pode ou não ser aceito para publicação. Felicidade para todas.

**Edith Schisler** — Florianópolis, SC.

Queridas Editoras, Estou lhes escrevendo para contar que **MULHERIO** já chegou até a Austrália! Meu nome é Fernanda Duarte, tenho 31 anos, sou brasileira de Barbacena criada em Belo Horizonte e vivo aqui na Austrália há 10 anos.

**MULHERIO** apareceu na minha vida através da minha cunhada Miriam d'Ávila. Ela me enviou uma cópia do **MULHERIO** no qual li um artigo interessantíssimo e muito bem escrito sobre a situação das "bóias-frias". (Tomei até a liberdade de quotar passagens dele — com devidas referências — num ensaio que escrevi sobre a relação entre o grau de subordinação da mulher e modos de produção em diferentes sociedades).

Well done, sisters!!

Mais uma vez, parabéns pelo **MULHERIO**. Good on you, sisters!

**Nanda Duarte** — Sidney, Austrália.

## Agradecemos

Nossas paredes ficaram todas coloridas com os cartões de fim-de-ano que vocês nos mandaram. Muito obrigado a:

Avon Cosméticos S.A., Benedita Souza da Silva, Brasília Mulher, CDI - Cinema Distribuição Independente, Centro de Defesa dos Direitos Humanos de João Pessoa, CEPIS, CETEC, CEVAM - Centro de Valorização da Mulher, Constância Duarte, Distribuidora Record, Dojival Vieira dos Santos, FASE, Helena Costa, IPS - Interpress Service, Iredê Cardoso, Jab Mala Direta e Distribuidora, Joto Processamento de Dados, Julio Lerner, Jussara Cony, Maria da Penha Crispim

Miguel, Marilza Ribeiro, Nair e José Luiz Guedes, Padre Hugo d'Ans - Movimento de Libertação da Mulher de Lins, Patrícia, Prê-Escola Dominó, Prô-Mulher, Rede de Mulher, Reginaldo, Roque e Sílvia Pimentel.

## Anote

O Centro de Estudos da Mulher de Campos, RJ manda avisar que já tem endereço para correspondência: Rua Barão da Lagoa Dourada, 260 a/c Bernardete Gusmão, Campos, Rio de Janeiro, cep 28100.

## Seminário

Está para ser realizado o seminário "Mulher — Região Norte/Brasil" entre 6 e 8 de maio, em Belém do Pará. Organizado por profissionais que fazem trabalhos sobre e/ou com mulheres, terá como temas para debates: Mulher, Trabalho e Relação de Poder; Participação Política e Social; Sexualidade e Repressão. Informações com Jane Beltrão, Av. Conselheiro Furtado, 434, bloco A, apto. 203, Bairro do Guamã, 66000, Belém, PA, tel. (091) 228-0177.

## MULHERIO

**Colaboraram nesta edição, além dos que assinam as matérias:** Anésia Pacheco Chaves, Anna Maria Marques, Cristina Bruschini, Tracy Paulina da Silva, Maria José de Oliveira Araújo, Maria da Penha Crispim Miguel, Paulo R. Monteiro, Sílvia Rocha, Valéria Sanchez.

**Equipe:** Adélia Borges, Cecília Simonetti, Ethel Leon, Fulvia Rosenberg, Inês Castilho, Vera Soares, Cintia S. de Carvalho (secretaria) e Tanya Volpe (dando uma força este mês).

**Diagramação:** Marlene Rodrigues, Micheline Lagnado e Sérgio Ali.

**Jornalista responsável:** Adélia Borges, registro MTB 10.680, SJESP 4549.

**Editado por:** Núcleo de Comunicações Mulherio, rua Amália de Noronha, 268, Pinheiros, 05410, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 881-0081 e 34-9642.

**Impressão:** Companhia Editora Joruês, rua Artur de Azevedo, 1977, Pinheiros, São Paulo, SP, fone 815-4999.

## Pontos de venda do Jornal Mulherio

### LIVRARIAS

**SÃO PAULO**  
Art-Nouveau - Shopping Center Eldorado  
Best-Seller - R. Bela Cintra 1478  
Brasiliense - R. Barão de Itapetininga 99  
Brasiliense - R. Oscar Freire 561  
Capitu - R. Pinheiros 339  
Contemporânea - R. Arapanés 662  
Cortez - R. Bartira 387  
Cultura - Av. Paulista 2073, conj. nacional  
Duas Cidades - R. Bento Freitas 158  
Kairós - Av. Paulista 2650  
Klaxon - R. Pamplona 1704 loja 1  
La Selva - Aeroporto Congonhas  
La Selva - Aeroporto Cumbica  
Livro - R. Armando Pentead 44  
Pagu - Teatro Ruth Escobar, R. dos Ingleses 209  
Penazul - Al. Campinas 235  
A Porta do Livro - R. Madre Cabrini 36  
S&R - Al. Lorena 1326  
Todavia - R. Bela Cintra 1237  
Vozes - R. Hadock Lobo 360

### ARACAJU

Corel - Rua CF s/n

### CURITIBA

Distribuidora Nova Ordem - R. General Carneiro 441

### JUIZ DE FORA

Espaço Cultural - R. São João 357

### PORTO ALEGRE

Palmarinca - rua General Vitorino 140

### RIO DE JANEIRO

Eu & Você Editora - rua Constante Ramos 23-B  
Dazibao - rua Visconde de Pirajá 571-B

### SALVADOR

Litearte - Av. Sete de Setembro 750

### UBERLÂNDIA

Pró-Século XXI - rua Tenente Virmondes 434

### GRUPOS DE MULHERES

**BRASÍLIA - DF** - Brasília Mulher CAMPINAS - SP - Coletivo Feminista de Campinas

**CUIABA - MT** - Associação de Mulheres de Mato Grosso

**CURITIBA - PR** - Movimento 8 de Março  
**PORTALEZA - CE** - Grupo 4 de Janeiro

**GOIANIA - GO** - CEVAM - Centro de Valorização da Mulher

**LINS - SP** - Mulher Libertação  
**MACEIÓ - AL** - União de Mulheres de Maceió

**PORTO ALEGRE - RS** - Grupo Feminista Gêmina

**RECIFE - PE** - SOS Corpo  
**SANTA MARIA - RS** - Grupo Feminista Germinal

**SÃO PAULO - SP** - CIM - Centro de Informação Mulher

### BANCAS

#### SÃO PAULO

João Moura/Artur de Azevedo  
Praça Benedito Calixto  
Faculdade Cásper Líbero  
Europa-Av. Europa/ Groenlândia  
Conj. Nacional-Av. Paulista 2093  
Juracy - Av. Paulista 2023  
Av. Paulista 2002  
Gazeta - Av. Paulista, em frente ao 900  
Ibirapuera - Av. Brasil esquina com Brigadeiro  
Praça da República - em frente à rua 7 de Abril  
Fradique Coutinho - Teodoro Sampaio  
ECA - Cidade Universitária

#### CAXIAS DO SUL

San Remo - rua Borges Medeiros 803



**M**ULHERIO vem tentando tratar de política institucional. E temos tratado, tateantes, nos perguntando todo o tempo o que significa um jornal de mulheres falar de política, como articular nossos desejos com o Congresso, Colégio Eleitoral, Planalto, terrenos tão alienígenas.

Queremos ser políticas, não partidárias — o que não quer dizer que individualmente não tenhamos simpatias por esse ou aquele partido (simpatias algumas abaladas, outras bem distantes, reflexos do momento).

E surgem perguntas: um jornal de mulheres não deveria falar de política apenas em abstrato, a tal Política com P maiúsculo? Ou é o caso de se meter mais diretamente nos fatos (não é indiferente, por exemplo, que para o Conselho da Condição Feminina seja indicada uma Eunice Michiles, claramente comprometida com posições controlistas da natalidade, ou uma mulher que defenda acesso à contracepção como um direito à saúde das mulheres).

Por que é que estamos falando tudo isso e por que resolvemos dar esse recado em forma de editorial (que não faz lá nosso gênero)? Porque ficamos sabendo o quanto MULHERIO abordar a sucessão presidencial, por exemplo, desagradou a muita gente.

Roland Barthes diz que se escreve para ser amado. É claro, nós queremos o MULHERIO amado, vivendo num pedacinho do coração das pessoas. Isso não quer dizer ausência de críticas. Afinal, nem o Chico Buarque continua unanimidade nacional! Aliás, somos até muito paparicadas. Recebemos cartas e telefonemas emocionantes, manifestações de carinho profundo, de gente — mulheres e homens — muito diferentes. E achamos ótimo.

**R**aramente, no entanto, recebemos críticas, ataques, manifestações de indignação. Não que elas deixem de existir. E acabamos sabendo delas por linhas tortas, no disse-me-disse.

Então ficamos sabendo que várias pessoas disseram que o jornal deixou de ser feminista ao tratar de política institucional; ou que virou petista. Argh...

As fofocas não ficaram apenas na questão partidária. Uma das agências que financiou MULHERIO suspendeu a verba e nos escreveu afirmando que foi com base em consultas a feministas brasileiras "cujos pontos de vista sobre planejamento familiar concordam com os nossos. Elas leram MULHERIO durante o tempo em que nós concedemos apoio a vocês e nos aconselharam nos seguintes termos: Que apesar de MULHERIO parecer favorável à possibilidade de escolha com relação ao aborto, sua voz sobre planejamento familiar é mais negativa do que positiva, refletindo pontos de vista radicais que dizem que as tentativas de grupos locais no sentido de promover planejamento familiar no Brasil são politicamente inspiradas em interesses externos."

**E**stes pontos de vista de feministas brasileiras, leitoras do jornal, não chegaram em nenhum momento diretamente a nós. Ou seja, circulam idéias, concepções sobre a política de planejamento familiar no Brasil — ôrra, gente, um tema quentíssimo pras mulheres inda mais agora com a mudança de governo — e o único veículo de mulheres que circula Brasil afora, MULHERIO, não recebe essas idéias, enfim não amplia seu debate.

Estamos dizendo tudo isso porque nos interessa como jornal manter o debate. Porque estamos refazendo nosso projeto, em pleno agito interno, repensando o jornal de ponta a ponta. E queremos que todos e todas que lêem o jornal participem desse momento.

E também porque se estamos deixando para trás uma ditadura militar, nossa melhor contribuição para que a transição realmente democrática se opere, é viver práticas democráticas. Analisando, elogiando, fazendo críticas (não só as ditas críticas construtivas).

Num especial para a TV feito pouco tempo antes de morrer, Elis Regina lembrava que a palavra consenso vem de assembléia.

É isso aí!



AGÊNCIA ESTADO

**"QUANTA GRAÇA. QUANTA ARTE.  
ISSO É MIRAGEM.  
PENA QUE NÃO FAÇA PARTE  
DA PASSAGEM...  
COM ESSA FLOR A BORDO,  
EU CONCORDO ENTÃO,  
QUE É BOBAGEM MEDO DE AVIÃO"**

(Aeromoça, de Billy Blanco,  
interpretada por Dick Farney.)

# UNIDAS DO AR

Ethel Leon, com a participação de Ana Figueiredo,  
Ivani Buzzo e Ruth Martins.

**D**eram o que falar! A imprensa diária, a tele-  
visão falaram que falaram das aeromoças.  
Aliás, não é bem assim. Elas é que falaram  
nos jornais, em programas de televisão  
rádio. Porque foram maldosamente comentada  
pela revista Playboy que, em sua edição de dezem-  
bro, publicou uma matéria com dicas sobre como  
paquerar aeromoças.

A solidariedade à categoria das comissárias d  
bordo se estendeu rapidamente. Parece que pegou  
mal a matéria da Playboy. Que tem cara daquel  
coisa dos anos 50, 60, quando o susto diante d  
ocupação do espaço público pelas mulheres aind  
era recente. Agora fica até difícil a gente falar as  
sim: "coitadas das aeromoças, que maldade fize  
ram com elas."

É mais pertinente chamar de coitados os que têm  
que mensalmente alimentar certo tipo de fantasi  
sexual que fatos culturais (vide o universo Rock i  
Rio) ultrapassam a cada dia. Não deve ser fáci  
uma revista "neo-machista" ou "machista esclare  
cida" (que é como Leo Borges, autor da matéri  
das aeromoças, define a Playboy) arranjar assun  
to. Aeromoça parece um bom prato. Gênero pav  
de chocolate feito com biscoito champagne, ben  
1965.

Claro está que o "neo-machismo" contém um  
carga de ressentimento brabo contra as mulheres  
em geral. Como diz o piloto João Costa Neto:

— "É uma espécie de cobrança pela independên-  
cia que a mulher aeronauta tem. A Playboy cobra  
o desafio da mulher ser independente economic  
mente, ser independente através de seu trabalho. É  
quase uma queixa contra a emancipação da mu-  
lher. E é também uma invasão à privacidade da  
aeromoças, sem contar o provincianismo vulgar d  
generalização."

**Roberta Close dos ares**

A psicanalista Lúcia Lima explica porque a aere-  
moça concentra tantas fantasias. A começar pelc  
uniforme, de estilo colegial, que representa um fe-  
tiche. E que as comissárias lutam para mudar, exi-  
gindo modelos clássicos.

"Depois é como se existisse uma hierarquia a  
bordo — aponta Lúcia — onde a mulher serve e c  
homem pilota. Isso vai de encontro a uma fantasi  
da mulher como gueixa do ar. Ela tem que servir  
ser agradável. Ao lado disso, a aeromoça interpõe  
uma distância, até uma certa frieza. Ela é a mulher  
que não ameaça, é seduzida, mas não seduz. É pas-  
siva, enquanto o homem é o conquistador."

"E tem também a fantasia da morte. O avião  
desperta uma coisa fóbica, você não pode inter-  
romper a viagem no meio, e a aeromoça é como a  
mulher voadora. Sua profissão é voar. Ela é a mu-  
lher que não tem medo da morte, a mulher cora-  
gem. E como se fosse uma Roberta Close dos ares:  
submissa, servil e corajosa."

## Palco entre as nuvens

"O passageiro que canta aere-  
moça é alvo de chacota de toda  
tripulação". Quem diz isso é Ma-  
ria Lúcia Grabowski, aeromoça  
na Varig de 1970 a 1982.

Maria Lúcia perdeu a conta de  
quantas cantadas recebeu, "prin-  
cipalmente de passageiro brasilei-  
ro, ridiculamente machista, que  
passa a cantada como forma de  
dominar seu próprio medo de  
voar. Porque todo mundo tem  
medo de voar e aí fica difícil pro  
passageiro sentado em pleno ar  
ver aquela mulher andando pra lá  
e pra cá, como se estivesse em sua  
casa. Cantar é uma maneira — na  
cabeça deles — de se sentir por ci-  
ma."

A tática de Maria Lúcia para  
conviver com as paqueras sem  
criar atrito era dizer que não ti-  
nha telefone em casa, mas que li-  
garia pro passageiro, "sem  
falta". Eles lhe davam cartão  
com endereço e telefone e espera-  
vam sentados o telefonema dela.

"Quando casei meu marido  
pediu que eu jogasse fora as três  
caixas de sapatos onde eu guarda-  
va esses cartões todos. Eu curtia  
demais com a cara dos passagei-  
ros. E é isso que na matéria da  
Playboy não convence ninguém.  
A matéria cita um engenheiro  
pernambucano de 42 anos que diz

sempre arranjar um programa  
quando voa. Se ainda fosse um  
gato de Ipanema, com 18 anos  
de idade, vá lá... Engenheiro de  
42 anos..."

### O lado duro da profissão

"A realidade é que o regime  
de trabalho da tripulação de  
avião é militarizado. A disciplina  
é rigidíssima, não pode haver fal-  
tas, falhas."

O ar sem umidade do avião que  
provoca envelhecimento precoce,  
as mudanças de temperatura e fu-  
so horário são alguns dos proble-  
mas de saúde que as aeromoças  
enfrentam no trabalho. Distúr-  
bios menstruais e cistite crônica  
são comuns e ignorados pela me-  
dicina aeroespacial.

"Agora a barra pesa mesmo  
é para a aeromoça-mãe — diz  
Maria Lúcia que decidiu abandon-  
nar a profissão quando engravi-  
dou pela terceira vez. "Meus dois  
filhos eram pequenos e aí não deu  
pra segurar."

É por isso que a questão da cre-  
che vem sendo uma árdua bata-  
lha das comissárias. Que preci-  
sam de uma creche especial, ca-  
paz de dar cobertura aos seus ho-  
rários malucos de trabalho.

O projeto da creche existe e foi



Maria Lúcia Grabowski

TANYA VOI PF

feito de forma coletiva. Bolado  
por uma comissária, arquiteta de  
formação, a parte jurídica elabo-  
rada por um comissário advoga-  
do e a proposta de nutrição feita  
por uma nutricionista, passagei-  
ra.

"Ser aeromoça e manter  
uma vida familiar é muito difícil  
— diz Maria Lúcia. É por isso  
que existem muitos casamentos  
dentro da profissão. Fica mais fá-  
cil entender que não há fins de se-  
mana livres, que pode-se passar o  
Natal voando, que um compro-  
misso pode ser adiado três dias,  
quando surge uma substituição  
ou quando não há teto para ater-  
rissar".

Maria Lúcia hoje não usa mais  
seu nome de guerra — comissária  
Grabowski — e trabalha em pro-  
dução teatral. — "Porque de pal-  
co aeromoça entende à beça."

# AEROMOÇAS

## Mitos batem asas

Ana Maria Vieira Silva é presidenta da Associação dos Comissários da Varig-Cruzeiro. Comissária de bordo há 12 anos, Ana Maria é casada, tem uma filha de dois anos e está grávida. É ela quem nos conta, junto com Francine Renée Evin Costa Neto, aeromoça da Varig com 13 anos de voo e João Costa Neto, piloto há 22 anos, um pouco da vida dos trabalhadores do ar.

### Vocês sentem mesmo uma fantasia masculina frente às aeromoças?

**Ana** — Acho que essa fantasia deve ter sido forte no início da profissão, que foi criada por uma americana com o intuito de colocar a bordo dos aviões enfermeiras que tivessem conhecimento de primeiros socorros, emergências. E a idéia dela colou. Colou também por causa da parte comercial, porque a presença feminina é considerada agradável. Naquela época a pessoa que trabalhava em aviação era a estrela. Hoje a máquina é que é a estrela. Então eu acho que essa história toda da aeromoça acabou um pouco, embora as empresas ainda puxem por esse lado, exigindo que a gente fique super-maquilada, super bem vestida. Agora os grupos de voo têm reagido bastante, exigindo uniformes mais clássicos. Eu acho que essa fantasia toda está acabando.

### E a rotina de vocês, como é?

**Francine** — todo início ou final do mês a gente recebe uma escala que dificilmente é cumprida, porque nós temos sobre-avisos, reservas e os nossos vôos. Não tem profissional suficiente. Então, em todo sobre-aviso você é acionada para trabalhar. Toda reserva que você faz no aeroporto, você chega às 20 horas e fica até meia-noite, só é liberado quando o último avião decolar, geralmente você é acionado para fazer um vôo para qualquer lugar. Quer dizer, quando você recebe uma escala por mês com 3 a 6 vôos, dificilmente você pode planejar tua vida. Tudo fica suspenso. Nós temos uma sobrecarga de trabalho e aí você fica tensa, nervosa... Podemos fazer até 20 horas de vôo num dia só, direto.

**Ana** — A batalha pra profissão ser viável é muito grande. A gente tem 50 anos de profissão no Brasil e existem pouquíssimas comissárias aposentadas. Daí você vê que a profissão é inviável, não porque seja mesmo inviável, mas porque as leis são inviáveis. Quem determina essas leis são os ministérios da Aeronáutica e do Trabalho. É inviável não só para a mulher, para o homem também. Trabalhar 30 anos dentro dessa realidade é inviável. Nossa grande luta hoje é pra diminuir o tempo de aposentadoria. Hoje a



Ana Maria Vieira Silva

CEDIDA POR ACVAR

aposentadoria acontece aos 30 anos de carreira. Nós reivindicamos que seja aos 20 anos de profissão ou aos 40 anos de idade.

### E como fica a rotatividade da profissão pras empresas?

**Ana** — Pras empresas é muito bom. Porque a gente sai mais depressa da profissão. Cê acha que elas querem aeromoças? Eles querem é aeromoça. Quanto mais fatigada você estiver, pra eles, melhor. Eles te aproveitam no período aureo da tua vida, na sua mocidade, enquanto você está produzindo bem. Quando você começa a sentir o peso, é hora de ir embora. Em 50 anos de profissão, nós temos dez aposentadas por tempo de serviço, entre a Varig, Cruzeiro e Transbrasil. Mas por incapacidade física, você encontra muitas aposentadas.

**João** — O problema é que para conseguir aposentadoria por incapacidade física, você precisa ter 20 anos de contribuição, ininterrupta para a Previdência Social, na mesma categoria profissional. É o que não acontece, muitas vezes,

quando você tem incapacidade prematura, o que é comum na aviação.

### É verdade que antigamente comissária não podia casar?

**Ana** — Não podia, o pessoal ficava apavorado, escondia, tinha medo de engravidar. Com o tempo, as empresas tiveram que aceitar o casamento, a gravidez. Porque hoje cada empresa tem mais de 500 mulheres, não dá mais pra controlar e eles precisam de mulheres na profissão. Então engolem. Durante a gravidez temos licença de nove meses, por causa da turbulência do avião, da oxigenação, que podem perturbar a gravidez e também por causa da aparência.

### Como é a organização de vocês?

**Ana** — A gente tem um Sindicato dos Aeronautas, composto de comissários, mecânicos de vôo e pilotos. No ano passado conseguimos mudar algumas regulamentações de vôo, depois de 20 anos de luta.

**João** — O índice de sindicalização médio é de 17 por cento, muito baixo.

**Ana** — O que eu acho difícil é a área da gente: no mínimo 80 por cento do grupo não está na mesma cidade pra se reunir.

### Apesar de tudo, a profissão vale a pena...?

**Ana** — Eu estou nessa porque foi a carreira que eu escolhi desde menina. Tenho muita fé no nosso trabalho, nas mudanças que vamos conseguir. É uma profissão que me fortalece muito, emocionalmente, em todos os aspectos. Você enriquece seus conhecimentos, conhece pessoas... Agora você precisa se fortalecer pra poder absorver isso tudo. Até esse mecanismo de você aprender a aproveitar os momentos, a separar as coisas, acho que isso é um amadurecimento que a nossa profissão dá.

MIGUEL PAIVA





# Um Conselho Para As Mulheres



A experiência já existe em São Paulo e em Minas Gerais. Em 1982, com a eleição dos governos de oposição nesses estados, onde já havia uma tradição de luta de mulheres feministas, criaram-se Conselhos Estaduais da Condição Feminina. No Rio, onde o movimento feminista é forte, alardeou-se a possibilidade de uma Secretaria da Mulher que acabou não vingando.

E agora, parte-se para a formação de um Conselho Nacional, à imagem e semelhança dos Conselhos Estaduais. Embora a criação deste organismo seja coisa praticamente certa, a discussão sobre sua necessidade ainda é muito restrita.

**Alda Marco Antônio, vice-presidente do Conselho Estadual em São Paulo, entende que o Conselho Nacional é uma necessidade:**

— “Queremos um órgão nacional, ligado à Presidência da República, com poderes de sugerir políticas para todos os ministérios, porque a questão da mulher hoje perpassa até as Forças Armadas, porque a mulher já foi admitida lá.”

Já **Lúcia Arruda, deputada estadual (PT-RJ)** teme “cair na ilusão de que a criação de um organismo resolverá todos os nossos problemas. Meu temor — explica — é que ele se transforme num órgão burocratizado, num centro que recebe todas as denúncias e reivindicações do movimento feminista, mas que não tenha poder de ação e assim pasteurize nossos anseios e desejos.”

**Alda Marco Antônio, entende que o Conselho Nacional teria que ter dotação orçamentária e também teria que opinar sobre tudo: legislação, planos de saúde, educação.**

**A deputada federal Júnia Marise, do PMDB de Minas, presidente do Conselho Estadual da Mulher de Minas, abre o jogo e revela a quantas anda a criação do Conselho Nacional, que deverá ser presidido pela própria deputada, embora ela não diga isso (ela abriu o jogo, mas não tanto, né?)**

**Como será esse Conselho? Quais suas funções? Quem participará dele? Isso foi o que os jornalistas Mouzar Benedito e Luiz Gonzaga Mineiro procuraram saber de Júnia Marise. O resultado está nessa entrevista.**

**Pode-se dar como certa a notícia de que o governo Tancredo Neves criará o Conselho Nacional da Condição Feminina?**

Tão logo recebeu a reivindicação das mulheres, o Dr. Tancredo foi sensível e vai mesmo criar o Conselho. Recebi orientação para criar uma comissão encarregada de elaborar a proposta do próprio decreto de criação desse Conselho, na sexta-feira anterior à eleição (11 de janeiro). Recebi formalmente a autorização para criar a comissão e ela já está criada.

**Quem faz parte dessa comissão? A senadora Eunice Michiles, por exemplo, mostra pretensões nesse sentido e nós sabemos que tipo de idéias ela levará ao governo...**

Há 12 membros na comissão, sendo 11 do PMDB e uma da Frente Liberal. As do PMDB são as deputadas federais Cristina Tavares (PE) e Mirtes Beviláqua (ES), as deputadas estaduais Selma Bandeira (AL), Ruth Escobar (SP), Vera Coutinho (MG) e Ecléa Fernandes (RS) e as demais são membros da Executiva Nacional do PMDB, incluindo a Eva Blay, que é presidente do Conselho de São Paulo. A representante da Frente Liberal também já foi indicada, é Vera Pinheiro.

**Então a Eunice Michiles dançou... E você, vai ser presidente do Conselho?**

Não, eu estou presidindo a Comissão. É

MULHERES

natural que possa vir a presidir o Conselho.

**Como será e para que servirá o Conselho?**

Estamos iniciando a elaboração da proposta visando esboçar os objetivos do Conselho, a sua composição, seu programa de ação e sua organização administrativa, tendo como referência os dois conselhos já existentes, de Minas e São Paulo, que são referências importantes porque Tancredo conhece, mas que deverão ser ampliadas por se tratar de um Conselho Nacional, ligado diretamente ao Presidente da República.

**O Conselho terá dotação orçamentária, sede e organização próprias ou ficará vinculado a outros órgãos, dependendo financeiramente deles?**

O Conselho não pode ficar na dependência de outros órgãos, pois ficaria parecendo peça acessória. Em Minas, por exemplo, quando o Conselho foi criado, em setembro/outubro de 1983, o orçamento do governo do Estado já estava pronto. Fomos à Secretaria do Planejamento com um esboço do nosso programa de ação, com o custo de cada programa, e pedimos um orçamento suplementar, que foi aprovado pelo secretário e pelo governador. Pudemos funcionar normalmente em 1984, não ficamos como peças acessórias. E isso não significa

que ficamos restritas a esse orçamento, obtivemos fundos em diversas instituições para atividades específicas. Para promover o 1º Encontro Mineiro da Mulher Rural, por exemplo, tivemos o apoio da Unicef.

**Então o Conselho Estadual da Mulher de Minas não depende de outros órgãos?**

O Conselho funciona numa sede criada especialmente para isso, tem infraestrutura organizacional, tem sua organização definida como órgão do governo, tem orçamento próprio. Pela primeira vez em Minas Gerais, o plano de governo insere o ordenamento administrativo com relação à mulher, e esse programa é executado pelo Conselho.

**O que já foi feito pelo Conselho Estadual da Mulher, em Minas?**

O Conselho foi responsável pela criação do projeto “Mãos de Minas”, que atende a artesãs e artesãos mineiros; foi responsável pela criação que apura a violência cotidiana contra a mulher, contando com a participação de vários órgãos do governo e pela criação de grupos de trabalho e de uma assessoria jurídica de orientação à mulher, dentro da Secretaria do Interior e Justiça. Fizemos ainda o 1º Encontro Mineiro da Mulher Rural, quando foram debatidas, durante três dias, as condições específicas da mulher do campo.

**O que mais?**

Ao mesmo tempo, o Conselho conseguiu derrubar duas normas que discriminavam a mulher na área do serviço público. O Banco do Estado de Minas Gerais (BEMGE) não admitia mulheres casadas há mais de dez anos, e essa decisão foi revogada. A Caixa Econômica do Estado, por sua vez, não permitia nem que as mulheres fizessem concurso, porque quando as mulheres podiam participar dos concursos acabavam preenchendo 70 por cento das vagas e resolveram acabar com isso, impedindo que as mulheres se inscrevessem, e isso também foi revogado.

**Você acha que a experiência de Minas influenciou para a criação do Conselho Nacional da Condição Feminina?**

O governo Tancredo, em Minas, foi o primeiro a criar um Conselho da Mulher, para o qual deu total cobertura a nível de governo, atendendo a aspirações das mulheres do PMDB. O Conselho tem tido papel importante, agindo com independência de ação, com programas e projetos que foram implementados no ano de 1984, com grande repercussão na opinião pública e que foi, de acordo com as palavras do Dr. Tancredo, uma grata surpresa, porque ficou caracterizada a importância do órgão nas definições das diretrizes traçadas pelo governo com relação à mulher mineira.

# CONSTITUINTE

*A Constituinte está em todas as bocas. Todos, cristãos novos e velhos dissidentes, enxergam a necessidade de firmar um novo pacto social do período que se abre.*

*As mulheres, historicamente alijadas das decisões políticas no país, terão um grande papel a cumprir na assinatura desse pacto.*

*Porque trazem questões tidas como irrelevantes ou secundárias e que vieram à baila com alguma expressão como o direito ao aborto, políticas públicas que dão conta de necessidades antes relegadas ao interior da família (como é o caso das creches e do acesso à contracepção).*

*São questões vitais imbricadas em questões de interesse das outras "minorias": os desempregados, os negros, os analfabetos, os inválidos, jovens, índios. (Põe minoria nisso!!!)*

*Se não podemos perder de vista, sem dúvida, a forma jurídica que deverão tomar nossas reivindicações, trata-se hoje de levantarmos que políticas sociais queremos ver implementadas e como ganhar força para conquistá-las. Nada melhor para comemorar o Decênio Internacional da Mulher!*

## AS CONSTITUENTES

Albertina Oliveira Costa

Das seis constituições brasileiras, três foram outorgadas pelo Executivo — as de 1824, 1937 e 1967 — e as outras três, em 1891, 1934 e 1946, foram elaboradas por representantes eleitos.

Em nenhuma das assembleias constituintes a questão da mulher foi tão discutida como na de 1891. Discutiu-se então se as mulheres deviam ou não votar e, em caso negativo, se essa restrição deveria ou não estar formalmente expressa. A questão era importante, uma vez que no Império não havia nenhuma referência a isso e formalmente, então, o sufrágio feminino não era vetado. E essa omissão provocou alguns dissabores, mulheres de letras e posses teimaram em se considerar "cidadãos" e se alistar como eleitoras, recorrendo à Justiça para assegurar esse direito (como foi o caso de Isabel Dillon de Mattos).

Na segunda metade do século XIX, um punhado de mulheres de elite debateu ardorosamente, em várias cidades,



**Carlota Pereira de Queiroz (1892-1982) na Constituinte de 1934. Professora, médica, historiadora, D. Carlota foi a única mulher eleita nas Constituintes que o Brasil já teve.**

## MASCULINAS

através de jornais e associações, as questões relativas ao progresso feminino, especialmente o voto e o acesso à instrução superior. As barreiras educacionais foram caindo e, em 1879, as faculdades foram abertas às brasileiras, que assim puderam economizar os custos de uma formação no estrangeiro.

Curiosamente, os obstáculos à entrada no ensino secundário público permaneceram ainda por certo tempo, só podiam chegar à universidade pública mulheres que antes tinham que passar por um ensino secundário privado. Na realidade, então, a universidade foi aberta apenas para uma determinada classe de brasileiras.

Mesmo assim, as primeiras profissionais saídas da universidade foram vivamente ridicularizadas. Uma comédia de França Júnior, *As doutoras*, quase um século antes das atuais novelas da Globo, satirizava em 1889 a situação de um jovem casal de médicos, em que a esposa põe em risco o casamento por ser mais

ARQUIVO CARLOTA PEREIRA DE QUEIROZ

competente e ter mais sucesso do que o marido.

Acabou prevalecendo o medo do "impacto desagregador do sufrágio feminino sobre a família" e a mulher continuou não podendo votar em 1891, mas a interdição não foi expressamente formulada, o que permitiu que periodicamente se reacendesse o debate: a expressão "cidadãos" englobava ou não as mulheres?

## E continuamos querendo

Porém, as mulheres não desistiram de querer votar. Na década de 20, a campanha pelo voto se torna mais acesa, graças ao vigor e dinamismo de Bertha Lutz, que regressa da Europa recém-formada "en Sciences" e que vai ser a feminista brasileira de plantão até 1975, quando participa — aos 82 anos — da conferência do Ano Internacional da Mulher, no México, e finalmente encontra uma nova geração para revesá-la.

Voltando à década de 20, proliferaram nessa época as associações femininas e feministas "pelo progresso feminino". A "questão feminina" gera polêmica e risota, o que não deixa de ser uma vantagem em relação à questão social, vista como caso de polícia.

Mulheres letradas, senhoras de fino trato que tocam piano e falam francês, primas, parentes amigas e vizinhas dos membros da elite política argumentavam que cidadania não tem sexo. Não contrapunham o público e o privado, procuravam se diferenciar das sufragistas inglesas, agressivas e "masculinizadas", negavam a competição entre os sexos e, se afirmavam que a biologia feminina não tem efeito sobre a sua capacidade política, por outro lado não questionavam que a esfera básica de interesses da mulher girava em torno do lar e da família.

A partir de 1927, algumas mulheres brasileiras puderam votar, mas só no Rio Grande do Norte, onde o presidente eleito do Estado era Juvenal Lamartine. Porém se seus votos valeram para as eleições locais, permitindo que Alzira Soriano fosse eleita prefeita de Lages em 1929 (ela continuou na política, filiando-se à UDN mais tarde), a nível federal eles não foram reconhecidos e na eleição para senador, em 1928, todos os votos femininos chegaram a ser descontados dos resultados.

## Enfim o voto feminino, por decreto

Em 1932, por decreto de Getúlio Vargas, ficou assegurado o sufrágio feminino. Diversas mulheres se candidataram à Constituinte, entre elas Bertha Lutz, no Rio de Janeiro, mas apenas a médica paulista Carlota Pereira de Queiroz foi eleita.

São Paulo dispunha de 22 cadeiras a que concorreram 95 candidatas, com as diferentes facções representadas numa chapa única, de oposição ao governo Vargas. Carlota Pereira de Queiroz foi a única mulher brasileira a participar de uma assembleia constituinte, isolada entre os 254 constituintes de 1934, dos quais 214 foram eleitos e 40 eram representantes classistas indicados pelos sindicatos. Em 1945, quando o PSD elegeu 177 representantes, a UDN 87, o PTB 24 e o PCB 15, não havia nenhuma mulher nesse meio.

A Constituição de 1934 consagrou a

vitória de 1932. No curto período que antecede o golpe de 1937 — apesar de ter sido criada uma Comissão do Estatuto da Mulher, na Câmara dos Deputados, e de se ter iniciado o debate sobre a importância de um Departamento Nacional da Mulher encarregado da supervisão de serviços relativos a interesses femininos — com a conquista do voto as feministas perderam o principal símbolo unificador de sua luta e se dispersaram por variadas tendências políticas ou simplesmente se desmobilizaram.

Na redemocratização, em 1946, feminismo era assunto de museu e, como nós percebemos muito bem no dia-a-dia, discriminações com base no sexo, na cor e na raça são desde então expressamente proibidas pela Constituição!



Mulher em palanque faz tanto sucesso quanto no palco

CÉDIDA POR VIRIAM MOHREIRA LETTE/REPRODUÇÕES VERA SIMONETTI

# O be-a-bá do Brasil

Emir Sader

**A**s leis não são o auto-retrato da sociedade. A começar porque a decisão sobre o fotógrafo acaba sendo tomada por alguns, que logo se asanham para pegar os lugares mais fotogênicos.

Não são as leis que modelam a realidade, se não a Inglaterra seria um país informe, caótico, por não ter constituição ou os EUA teriam uma modesta existência, com sua sintética constituição de uns poucos artigos. E o que dizer de nós que, desde que foi promulgada a constituição norte-americana, ainda em vigor, já tivemos 5 diferentes, agora as emendas. Mas constituição é como copo cheio de ar: quanto mais tem, mais vazio.

Mais ainda, porque entre os costumes que norteiam a vida política brasileira, dois se preocupam em desmoralizar as leis: o "A lei, ora a lei..." e o "Para os amigos tudo, para os inimigos a força fria da lei..." Ou a sua relegação ao papel inerte ou a sua instrumentalização conforme as conveniências. E o passado que, por terminado, não deixa de estar aí, nos entulhou com filigranas jurídicas para justificar o porrete escondido atrás do decreto.

## Poder e legitimidade

Se fosse somente um problema jurídico — de leis que vão formalizar uma realidade já existente — estaria bem que a constituição ficasse na mão dos constitucionalistas. Mas, se ela não é o demiurgo da realidade, suas normas podem ser camisa de força da vida das pessoas ou impulso à sua transformação. Ela decide, pelo menos em princípio, quem tem o direito de usar a força material e legal do Estado, se o verdugo ou a vítima, o racista e o discriminado, o banqueiro ou o devedor, o BNH ou o mutuário, o violentador ou os violentados. Ela vale portanto como instrumento de legitimação do poder, de sua transformação de poder legal em poder aceito pela sociedade, porque conforme às leis elaboradas por todos.

**Poder** tem dois sentidos: ter força para e ter permissão para. O primeiro está bem expresso na afirmação "Eu posso"; o segundo, na pergunta: "Posso?" No primeiro sentido, significa ter força para impor a sua vontade aos outros; no segundo, ter legitimidade para agir em nome dos outros.

Quando um regime político se baseia fundamentalmente na coação — feita ou ameaçada —, a constituição e as leis têm um papel secundário. A letra da lei é morta, tem um papel ideológico de simples mascaramento das situações de fato. A constituição outorgada e remendada de 1967 tem até avanços em relação à de 1945, sem que a realidade do país refletisse isso.

## Uma nova ordem social

Ao contrário, quando se muda de um regime onde mandavam os militares e tecnocratas em nome do conjunto das classes dominantes para um outro, em que as alianças introduzirão compromissos com a classe média e com setores populares, as normas jurídicas são um elemento para determinar a porção do bolo de poder repartido que caberá a cada um. Ainda sem ter clareza sobre o tipo de regime que começa a se configurar para substituir a ditadura militar, o certo é que será um regime diferente, melhor ou pior, mas o período político será outro, porque a correlação de forças entre as classes se alterou e exatamente por isso ninguém nega a necessidade de elaborar uma nova constituição para o Brasil.

A pergunta que se coloca hoje é: que tipo de Assembleia Constituinte para que tipo de Constituição e, principalmente, que tipo de democracia. Um sintoma evidente das modificações é de que todo mundo virou democrata e, sobretudo, liberal. O malufismo parece que foi elevado a único definidor, por exclusão, para saber quem é democrata no Brasil hoje. Se fossem conversos realizadas sob o impacto do povo na rua, pelas di-

retas, poderiam demonstrar certo grau de reciclagens mais profundas, mas quando se fazem sob o som da mudança de batuta na orquestra verde-amarela do Palácio do Planalto, dá para desconfiar.

## O debate não é formal

O objetivo principal do neo-liberalismo que assola o país parece ser o de circunscrever a discussão da constituinte a problemas jurídicos do tipo presidencialismo-parlamentarismo, voto distrital, ou outros aspectos que têm que ver com a forma de exercício do poder, buscando com isso camuflar as questões que põem em debate o caráter desse poder, isto é, que manda, em nome de quem, a favor de quem, contra quem, por que, etc.

A limitação do debate à alternativa ditadura-democracia, dando por estabelecido o caráter liberal desta última, restringe os termos do problema à esfera jurídico-institucional, abstraindo-se do plano social por um lado, e do problema de fundo do caráter do Estado e do regime político existente e aquele por construir.

O momento da constituinte pode ganhar um caráter de alavanca para a democratização radical da sociedade, se for instrumento de mobilização, organização e ação por parte dos mais amplos e variados segmentos do país, na luta por elevar sua condição à de cidadãos, com direitos iguais. Por isso, o mais importante é dar início já a esse processo, para que ele desemboque numa Assembleia Constituinte representativa da nossa gente, resultado de um aluvião similar ao da campanha pelas diretas, que agora reequilibre o imenso caudal popular com reivindicações que abarquem os direitos fundamentais do povo brasileiro, elevados à constituição pelos próprios sujeitos sociais, transformados em força política democrática. Para que tenhamos enfim uma constituinte que possamos dizer que é nossa, como começamos a fazer com a bandeira verde-amarela e com o hino nacional.



*Não é nada fácil trabalhar em um jornal de Interior. Especialmente quando esse jornal circula na região mais pobre e atrasada do Estado de São Paulo e sua redação é formada só por mulheres, todas vindas de fora. Três coisas têm de ser dribladas logo de cara: a falta de condições de trabalho, a discriminação contra a mulher profissional e o preconceito em relação ao que chamam de "forasteiro".*



Da esquerda para a direita, Vera, Geni, Mônica, Sueli e Inês, as forasteiras perigosas que ocuparam o jornal e intimidam os homens do Vale.

## FORASTEIRAS JORNALISTAS: UM PERIGO NO VALE DA RIBEIRA

Mônica Nogueira Lima

oi por acaso que a redação de **A Tribuna do Ribeira** acabou ficando feminina. A primeira a chegar, há vários anos, foi a Inês, vinda de Santos, casada. Aliás, o motivo que a trouxe foi o trabalho do marido, revendedor de produtos agrícolas. Depois, coisa de quatro anos atrás, veio a Geni, sozinha, apenas para visitar uma amiga. E acabou ficando.

No início de 83 foi a vez da Vera, recém-formada, em busca de um emprego que lhe proporcionasse alguma experiência. Em seguida, Vera carregou para cá a Sueli, colega de faculdade que também precisava de emprego. A última a chegar fui eu. Estava desempregada em São Paulo, arrependida de ter pedido demissão numa época de crise. Surgiu a chance, havia uma enchente no Vale do Ribeira, faltava repórter na Tribuna e eu vim para quebrar o galho durante três meses. Estou aqui há quase dois anos.

Assim, juntaram-se cinco mulheres, sob o comando de um homem (como era de se esperar), neste Vale do Ribeira. Uma região que, apesar de situada entre duas capitais, São Paulo e Curitiba, sofre de um esquecimento crônico, de um subdesenvolvimento inexplicável. Costumo dizer que aqui no Vale não há miséria absoluta e fome. Há pobreza e desnutrição. Há atraso de vida.

Mas há também o pouco que resta de

mata primitiva em todo o Estado. A tal da Mata Atlântica, bonita, heterogênea, maravilhosa. É úmida, cheia de insetos. A malária, a esquistossomose e a doença de Chagas, entre outras muitas, integram a nossa realidade. Como moramos na cidade, no entanto, não corremos grandes riscos. Para a gente o mais preocupante são os fungos. E haja micose!

### E as mulheres da zona rural?

Quando nos deparamos com a condição de vida das mulheres da zona rural conseguimos esquecer a nossa situação. Parece-nos até ridículo falar sobre nossos problemas de jornalistas no Interior, ao sabermos que outras tantas mulheres enfrentam o que há de pior. O trabalho em casa e na roça, a filharada, o marido bêbado, as doenças, as distâncias imensas, a pobreza, a falta de perspectivas, etc.

Essas mulheres, quando um filho adocece, dependendo do lugar onde moram, são obrigadas a andar quilômetros e quilômetros a pé com a criança nos braços, até chegarem a uma estrada onde passe ônibus ou carona. Sei do caso de uma mãe que andou com o filho desidratado cerca de 15 quilômetros, sob o sol forte, para chegar a um Centro de Saúde. Quando finalmente estava na frente do médico, caiu desmaiada, tam-

bém desidratada. E a criança já estava quase morta.

Nossos problemas são ninharia perto dos delas. Mas vamos a eles. Ganhamos menos que outros jornalistas, apesar das condições estranhas de vida que justificariam um salário mais alto. Para quem não sabe, a lei está ao lado dos donos de jornais de Interior, mesmo que sejam grandes empresários (como no nosso caso). Assim, os jornalistas daqui (homens ou mulheres, tanto faz) recebem quase a metade do salário daqueles que trabalham em capitais ou cidades de maior porte.

Estamos isoladas da cultura, da informação, da vida atrás dos morros que cercam o Vale. A televisão aqui às vezes pega (com UHF, antena especial e booster: uma parafernália), às vezes não. Cinema não há. Ou melhor: em Registro, onde moramos eu, Vera, Sueli e Geni, existem dois cinemas. Mas os filmes em cartaz são sempre do tipo "Dio Como Ti Amo" em um deles e "A B... Profunda" no outro. Portanto, cinema não há. Livrarias? Ah! Nem pensar. Teatro muito menos. Cursos, debates ou seminários também não.

Esse isolamento e o convívio com pessoas desinformadas vêm nos causando o que chamamos de emburrecimento gradativo. Ao mesmo tempo, no entanto, a dificuldade em trabalhar bem no Vale

desenvolveu a nossa coragem. Enfrentamos qualquer parada, esquecendo até de nossa fragilidade urbana. E encaramos as pessoas com alguma audácia. Acho que o governador Franco Montoro, por exemplo, não suporta encontrar uma de nós pela frente. Somos provavelmente as repórteres mais chatas que ele conhece.

Em alguns momentos, chegamos a ser vistas pela população daqui como as "estrelas" locais. Assim como repórteres de televisão são vistos na Capital. Afinal, todos sabem quem somos e o que fazemos. Sabem que somos nós, cinco mulheres, as responsáveis pelo único meio de comunicação do Vale. Mas também alimentam um medo infundado. A falta de convívio com jornais deve ser a causa disso.

Profissionalmente, não há nenhuma informação precisa e correta no Vale. As suposições fazem parte do cotidiano de nosso trabalho. E lutamos pela seriedade, por mais que ela seja difícil. Locomoção é outro problema: fazemos a cobertura de 12 municípios normalmente, fora outros eventuais, e temos um carro só (constantemente quebrado) para as cinco repórteres. A gente se vira como pode. Vamos de ônibus (sempre péssimos), quando tem algum no horário. Senão pegamos carona ou simplesmente não vamos: tentamos resolver por telefone.



### E a vida afetiva?

Só a Inês é casada. Tem quatro filhos pequenos, um marido quase em falência e um trabalho desgastante. Atualmente, o salário dela é imprescindível para a sobrevivência da família. Mas o marido, machista, prefere não admitir isso. Seria humilhante demais para ele. Inês já enfrentou barras que eu nem imaginava. Só como exemplo, houve um dia em que ela precisava escrever sem falta. Era domingo e na tentativa de escapar um pouco das solicitações das crianças, foi trabalhar numa sala fechada. Pouco depois o marido, indignado, desligou a chave de força deixando a Inês no escuro para que não conseguisse mais trabalhar. Isso sem contar quando ele a tranca em casa.

Eu, Sueli e Geni somos solteiras. Não temos namorado. E, como todas as mulheres normais, precisamos de alguém. Mas, se quisermos um companheiro, uma relação sadia, teremos que sair daqui. A Vera está em melhor situação. Tem um namorado apaixonado e legal.

Aqui, uma amostra do Vale: pobreza, desnutrição, atraso de vida.

Um pouco ciumento por causa da distância. Mas os dois têm uma relação de troca bonita, agradável.

Sem alternativas, eu e Sueli costumamos frequentar o local onde os jovens se reúnem. A Geni prefere a reclusão. Todos sabem que somos jornalistas e alimentam um certo temor. Os homens, quando se aproximam, querem apenas uma experiência diferente. E nada mais. Eles não têm estrutura para conviver com mulheres de outra mentalidade, mais livres, independentes e que carregam nas costas um terrível monstro: o nível universitário.

É lógico. Fica difícil para um homem a vida com uma mulher que sabe mais do que ele. Principalmente quando esse homem é um interiorano. Certa época

comecei a sair com um garoto daqui (ele não passa de um garoto pelo que tem na cabeça). Ele estudou fora, voltou e hoje toca o comércio da família, que nada tem a ver com sua profissão. Nos encontramos uma noite no baile do clube, onde se reúne a pretensa sociedade local. Depois de cinco minutos de papo, ele disse que não poderíamos ficar juntos ali. Os amigos estavam vendo e poderia pegar mal. Fiquei deprimida por uns dias. Depois entendi. Conscientizei-me que não sou o lixo que me senti na hora. Lixo é a cabeça dele.

No trabalho enfrentamos quase sempre o preconceito. Pois apesar de reconhecerem que somos profissionais, os homens daqui consideram as mulheres como incompetentes. E vagabundas. Pa-

ra agravar a situação, o fato de pensarmos de forma diferente os leva a imaginar que queremos revolucionar o Vale, rompendo a situação de subdesenvolvimento que eles procuram manter por interesses econômicos. E ser taxada de comunista (palavra que poucos sabem o significado) é comum. Comunistas, prostitutas, incompetentes e até corruptas.

Apesar de tudo, gostamos daqui. Isso já faz parte da nossa vida. Mas sempre vem uma música na cabeça. Não sei agora quem é o autor, lembro apenas que é interpretada pelo Milton Nascimento: "Tamarandiba pedra corrida/pedra miúda rolando sem vida/como é miúda e quase sem brilho a vida/do povo que mora no Vale".



pobres.

Em julho próximo, as Nações Unidas realizarão mais uma conferência mundial da mulher, para fazer um balanço das realizações dos últimos dez anos e elaborar estratégias para que o ano 2.000 não nos encontre na triste situação atual.

proxima conferência a ser realizada em Nairóbi, Devaki Jain, do Institute of Social Studies da Índia, reuniu um grupo de pesquisadoras e ativistas do Terceiro Mundo, cuja primeira atividade está sendo elaborar um documento que con-

desde já submeter um esquema de suas idéias básicas para discussão ampla a fim de que possa efetivamente refletir a experiência coletiva das mulheres. Assim, vou apresentar um resumo de sua parte inicial e, se tiver resposta dos leitores, voltarei ao assunto.

Há seis razões básicas porque o objetivo da ONU de integrar a mulher ao desenvolvimento não foi um sucesso completo. A primeira é o próprio conceito de

A segunda razão é a pequena atenção dada às ligações entre o trabalho produtivo e reprodutivo da mulher. Geralmente, um programa focaliza apenas um ou outro aspecto. Assim, por exemplo, um esquema para geração de emprego ignora o fato que a mulher também gasta tempo e energia cozinhando, lavando,

doentes. Por outro lado, um serviço de alfabetização ou de saúde não considera que as mulheres beneficiárias podem passar a maior parte de seu tempo num emprego ou procurando trabalho.

próprias mulheres) para combater a subordinação feminina.

Finalmente, a implementação das políticas sofreu a ineficiência e corruptibilidade de sistemas excessivamente burocratizados. Isto nos leva de volta ao primeiro ponto: enquanto as mulheres em

vistas como recipientes passivos de serviços de bem estar marginais aos esforços de desenvolvimento, não poderão exercer um controle efetivo para impor responsabilidade à burocracia.

# VIOLÊNCIA NÃO TEM CLASSE

*Pena de morte. A pena de morte está sendo pedida em passeatas, com faixas e cartazes. Na prática, ela já vem sendo aplicada por muitos policiais, que matam indiscriminadamente crianças ou adultos, em suas caçadas de "bandidos", em nome da "justiça". Também em nome da "justiça", os linchamentos se sucedem. Num país em que a corrupção e a impunidade dos criminosos de colarinho branco atingiu índices incalculáveis — os casos se sucedem: o escândalo da mandioca, o da Delfim, da Corôa Brastel, e agora da Sunamam, dos vestibulares e da Previdência Social, para falar apenas de alguns daqueles que já vieram à tona —, não faltam vozes para dizer que sim, que os "bandidos" devem ser punidos com a morte e com a tortura. Mas todos sabemos que a rede de crimes envolve a própria polícia, como fala essa menina presa na Penitenciária de São Paulo. E como pode ser fatal para uma família comprar uma arma, trazendo o assassinato para dentro de casa. Aqui, tratamos dessas questões e ainda da violência específica contra a mulher, ignorada pelos organismos policiais.*



## "Na hora do veneno é só você, mesmo, não adianta."

Numa conversa emocionada e cheia de pausas, esta menina delicada de 24 anos, um filho de 6, desde os 15 na criminalidade, fala da falta de oportunidades, da exploração, do desemprego, da corrupção. E também da esperança, do sofrimento, da alegria, do amor. Ela aqui aparece sem rosto e sem nome, para não ser identificada. Entrevista a Inês Castilho.

**Você tem paciência pra me contar sua vida?**

Minha vida todinha? (Ri) Eu sou da periferia. Perdi meu pai eu tinha 14 anos. Minha mãe segurava as pontas sozinha, trabalhando de servente, em limpeza de firma. Eu sou a filha mais velha e aí comecei a trabalhar pra dar uma força pra ela. Mas logo vi que trabalhar não estava dando. E comecei a roubar mesmo.

**Que tipo de roubo você faz?**

Depende. Às vezes eu mando escalar, ponho uma mina pra trabalhar de empregada doméstica, localizar onde tem cofre, onde tem jóia, tudo. Ela dá depois eu vou buscar. Ou senão firma, pagamento de firma. Mas é tudo dado, não vou assim em coisa incerta, maior medo. Tenho filho pra criar, também não quero morrer. Vou e pago. E me sinto bem porque eu acho melhor do que ficar roubando de quem não tem. E um monte que rouba acho que pensa assim.

Agora, se a malandragem fosse mes-

mo unida, sabe, se tivesse outra cabeça, muita coisa conseguia fazer. Porque às vezes a gente é muito violenta e está por fora. Tem crime aí bárbaro. Vamos supor, vai roubar uma moça não precisa estuprar ela, precisa? Não precisa, é uma coisa que esculaça. Então falta um pouco de consciência pra quem delinque. Se delinquisse dentro de...umas coisas...acho que era diferente. Porque daí ia ser aquela força. Mas já esculaça, é onde marca a gente muito.

**Você está sabendo da campanha pela pena de morte?**

Lógico, estou por dentro. Ainda bem que tem aquela comissão de solidariedade do preso que está dando o maior apoio pra gente. Mas eu acho que não é porque rouba que tem que morrer. Tem que entender o porquê. Parece que eles têm visão mas preferem dar as costas, né? Tem muito crime aí horroroso, porque a gente que está na cadeia vê de tudo. Mas não é assim. A gente também não quer violência.

A gente vê muita coisa que revolta. Muitas meninas mesmo aqui...Aqui tem muito de mãe matar o filho, aí vem pra cá. Chega aí tudo bem, a gente não tem muita coletividade mas eu pelo menos acho que quem julga é Deus. Mas tem umas que acham "ah matou criança tem que ser esculaçada..." Eu já reservo a minha opinião. Então elas se apavoram e começam a fazer loucura. Aí pronto, jogam no manicômio. Volta uma pessoa

parada, dá dó. Uma pessoa assim domada, esquisita. Mata a pessoa por dentro, só fica a carcaça.

**Como está sua situação aqui?**

Minha situação está indefinida. Estou condenada a 31 anos em quatro processos, três no 157 (assalto) e um latrocínio (assalto com morte). Agora tenho mais dois sumariando, precisa esperar o julgamento pra depois unificar as penas e ver pra quanto que cai. Daí tenho que cumprir 1/6 aqui no presídio fechado, 1/6 no semi-aberto (as presas saem para o trabalho e retornam, diariamente) e 1/6 domiciliar. Já puxei quatro anos, agora depende de pra quanto cai a pena.

**Digamos que dois anos é o mínimo que você ainda teria que cumprir, aqui. Como você vê isso?**

Não dá pra agüentar mais nem um dia. Saca, cada dia aqui é massacrado, é contado. Se eu vejo que tenho condições de ir embora antes eu vou mesmo, não quero saber.

**Por que?**

Porque eu não topo o jogo. Vamos supor, eu fico aqui um tempo de anos, aí eu saio com uma mão na frente e outra atrás, no mesmo dilema: é emprego, um monte de coisa. Pra mim, enquanto eu puder tirar prestação eu vou tirando.

**Como é essa história de "tirar prestação"?**

Tirar prestação (ri), é enquanto eu tiver chance de fugir eu fujo mesmo.



TANYA VOLPE





## "Hoje em dia você vê criança com 8, 9, 10 anos, tudo com cano na mão, metendo bronca."

**Você acha que agora as coisas vão melhorar?**

Depende, né, porque a cabeça das pessoas mudam, antes de ser presidente é uma coisa, quando está lá já é outra. Mas estou ouvindo falar que vai ter chance com esse, alguma chance, porque o melhor governo foi daquele cara...o que se matou...ou mataram ele...o Getúlio Vargas. O Tancredo Neves foi ministro dele, uma coisa assim. Então tem o mesmo parecer que ele, e ele foi o melhor governador do Brasil, até hoje. Então as pessoas estão contando com isso.

**Você tem esperanças?**

A gente sempre deve acreditar, esperar que melhore alguma coisa. Senão o povo tem que agir, não dá mais pra ficar acomodado.

**O que significa agir?**

Agir é se expor, saber se expor direito. O povo não sabe o que é direito do povo. Agora, com essas eleições diretas, estão acordando, já é alguma coisa. Por que indireta? Tem que ser direta mesmo. Então é daí pra frente.

**Você acha que ainda vai assistir a alguma mudança neste país?**

Ah eu não sei, basta estar vivo pra estar morto, né? Mas eu gostaria.

**Você acredita em Deus?**

Eu acredito, demais. Apesar de tudo eu acredito. Nossa, Deus...Deus é a natureza, o sol, a água, ali eu vejo Deus. Ele deu tudo bonitinho pra você, falta você se evoluir, desenvolver o que puder, ter consciência das coisas. Já pensou ficar desacreditada, piora as coisas,

né? Eu não me desanimo muito, não. Apesar de eu estar presa, tudo, eu acho que a vida é luta, e luta é vida. Se eu tenho que puxar, contra a força não há resistência, tudo bem, então vamos ver até aonde. Por pior situação que a gente esteja tem que ter fibra, tem que ter força.

**E onde é que você vai buscar essa força nas situações por que já passou?**

A força, a fibra é você não deixar se levar. Deixar se levar por que? Perguntar o porquê das coisas. Isso daí é uma luta. Você ver que estão acontecendo as coisas e não está fazendo nada é pior. O sofrimento faz parte, eu encaro assim.

**E a alegria?**

Ah, eu acho que eu sou alegre. Não me ligo muito na tristeza, nessa de solidão. A gente tem os tédios da gente, tal, mas a vida não é tristeza, acho que ela é mais alegria. Com tudo...com tudo.

**Por ser mulher você já se viu em situações mais delicadas?**

Já senti essa barra, muito preconceito, mesmo...Que nem mulher de malandro, uma suposição, mulher de malandro apanha um dia e no outro dia quer mais. Eu já não, eu não sirvo pra ser mulher de malandro, eu já dou mancada. Em tudo mulher é marcada. Na malandragem o machismo é mais, mulher não sai de casa...Diferente da mulher malandra, né? Eu, sem chance...(ri) Mandar em mim, tipo machismo, não dá. Eu respeito o homem, ele é homem, tem que me respeitar, eu sou mulher. Isso não quer dizer que eu sou menos que ele, né...Ou mais. Sou igual, pode ter certeza. Em tu-

do. Se eles usam a força eu não uso a força, eu não gosto. A gente usa outras coisas, a cabeça. O homem, acho que se ele soubesse dar mais atenção à mulher, escutar mais o que ela fala, ele valeria por dois. Eu como mulher eu...vejo os preconceitos, tudo o mais...e não me colo nessa. Tiro essas barras do meu caminho, não dou oportunidade. Não é? A mulher tem que se tocar e combater.

Mas a mulher de hoje em dia está bem desenvolvida. Eu, perto da minha mãe acho uma evolução, um passo!...(ri) imagina então minha filha, vai ser outro passo. O fato dela sair pra trabalhar, batalhar junto...Ter o mesmo direito, exigir respeito. Não ser mulher objeto, que só dá filhos e...(ri) como é? Máquina de produção. A maioria das minhas colegas pensa igual. Então acho que está melhor. Eu como mulher me acho...ótima está bom. Agora, a mulher nunca pode perder a sensibilidade. Por isso que ela é mais que o homem, nessa parte. Porque ela é sensível, menos feroz.

**E o amor?**

Acho que a mulher tem que amar, como o homem tem que amar. O amor é bonito. Não é porque você ama que vai se sujeitar, né, que aí o amor acaba. Então tem que ter um pouco dessa frieza. O amor não está sempre em primeiro plano, depende. Mas você não vai amar alguém com quem não se conjumina, então o amor é bonito. Mas eu mesma...acho que nunca amei. Já gostei, e tal, mas amar...ainda não chegou.

**Você acredita que vai chegar?**

Acho que sim...

## E a mulher, seu delegado?

No início de 83, o SOS Mulher do Rio de Janeiro encaminhou aos Secretários da Justiça e da Segurança a proposta de fazer seminários com delegados e policiais sobre a violência contra a mulher. Nesta entrevista, feita por Madalena Guilhon com Rita e Elisa, do SOS, elas contam como foi essa experiência, os impasses e soluções dados ao difícil trabalho de dar apoio às mulheres que as procuram.

**— Qual o objetivo de vocês, com essa proposta ao governo do Estado?**

**Rita** — Queremos um atendimento que não seja um entrave à denúncia da mulher. Sabemos muito bem o que acontece nas delegacias onde a mulher vai dar queixa: ela é desencorajada, desrespeitada, ridicularizada. Dos oito casos de estupro que nos chegaram ao SOS, só uma deu queixa e levou o caso adiante. Em meados do ano passado conseguimos finalmente fazer o primeiro seminário com alguns delegados, policiais — a maioria mulheres — e um grupo de assistentes sociais que trabalham em delegacias. Foi o primeiro contato do SOS Mulher com o setor público.

**— E como foi esse contato?**

**Elisa** — Os delegados tentam proteger a estrutura da família acima de tudo, mesmo prejudicando a mulher. Eles alegam que não interessa registrarem a queixa até porque a mulher acaba sempre desistindo. Tentamos mostrar aos delegados como é importante registrar as queixas, um dos poucos recursos para se impedir a escalada da violência. Além disso, mostramos a eles que quando dizem para as mulheres voltarem para casa, fazem as pazes com o companheiro, que vai acabar tudo bem, eles podem estar mandando elas para a morte.

**Rita** — Tentamos também reforçar o trabalho das assistentes sociais dentro das delegacias, considerado sem importância. Tanto que só encaminham para elas casos menores, elas muitas vezes só ficam sabendo de casos de violência contra mulheres muito depois. Ficou combinado também que cada delegacia terá um cartaz do SOS com endereço, dia e horário de plantão para que as mulheres possam nos procurar.

**— Quais os impasses do SOS Mulher, hoje?**

**Rita** — Somos oito mulheres. Fazemos plantão às terças-feiras, das cinco às oito da noite, de duas em duas, numa sala emprestada pelo Centro da Mulher Brasileira. Hoje sabemos que o plantão não é todo o nosso trabalho, mas é fundamental porque preserva o espaço de reflexão sobre a condição feminina.

**Elisa** — A diferença é que hoje a gente tem muito mais experiência no atendimento, explicamos melhor o nosso obje-

tivo, mostramos que não podemos resolver o problema por elas — o que podemos é pensar juntas as saídas. Só mandamos para advogada casos que realmente precisam de um tratamento jurídico. Agora, é impressionante a repetição dos casos de espancamento. A ilusão da mulher espancada, de qualquer classe, idade ou profissão, é sempre a mesma: o homem não tem culpa, ela é que está errada, ela é que tem de mudar. Ou então o problema não é o homem, é a bebida.

**— Em que pé está o caso da Christel (assassinada em 1981 pelo marido)?**

**Rita** — A morte da Christel foi um dos motivos do surgimento do SOS Mulher aqui no Rio. O assassino está preso mas ainda não foi julgado porque seus advogados têm conseguido adiar o julgamento.

**— E os planos para este ano?**

**Rita** — O SOS mudou, nós mudamos e muita coisa aconteceu nesses últimos dois anos, com o nosso trabalho. Queremos ampliar a denúncia da violência contra a mulher, preservar o espaço dos plantões e da reflexão. Pedimos financiamento para alugar um espaço nosso, produzir material, fazer exposições, passar filmes, slides, fazer palestras. Esperamos ter profissionais trabalhando com o material que já temos, advogadas com participação mais ativa. Prevemos também atendimento psicológico, fora dos plantões. Gostaríamos sobretudo que essa nova estrutura possibilitasse a adesão de mais mulheres ao nosso trabalho.

**O endereço do SOS Mulher / RJ é: Rua Franklin Roosevelt, 39, sala 703, tel. 220-5128.**



Alegria e bom humor na luta contra a violência.

## Doméstica não é escrava

Piso salarial, férias de 30 dias, descanso semanal remunerado, jornada de trabalho definida com as horas extras pagas foram as reivindicações básicas discutidas no V Congresso Nacional de Empregados Domésticos, realizado de 24 a 27 de janeiro em Recife.

Contando com a presença de 126 delegadas vindas de 14 Estados, o Congresso teve como tema central o reconhecimento da profissão, discutindo também a relação dos empregados domésticos com o movimento operário e a organização da categoria nos planos local, regional e nacional.

A questão da organização foi preparada pela Associação de São Paulo, cuja presidenta, Maria Aparecida dos Santos, afirma que "a empregada doméstica ainda é considerada como escrava. Trabalha de 12 a 15 horas diárias sem direitos regulamentados por lei."

As leis e os legisladores são muito mal vistos — e com toda razão — pelas empregadas domésticas.

"Antes das eleições eles sempre nos procuram e fazem grandes promessas,

depois ... resta o silêncio", diz Valéria Veiga, antiga Presidenta da Associação de São Paulo.

A área do Executivo também não fica atrás com relação às domésticas. Só no ano passado, duas aprontações: uma delas quando Jarbas Passarinho anunciou que, para ter direito à aposentadoria, os autônomos — categoria que engloba as domésticas — deveriam indenizar o INPS pelas contribuições não pagas a partir de 1960, o que significa que cada doméstica teria que entregar cerca de três milhões de cruzeiros à Previdência Social. E a outra ainda no ano passado, quando o ex-presidente Figueiredo vetou na íntegra o projeto que concedia férias anuais remuneradas de 30 dias corridos aos empregados domésticos.

Mas a incompatibilidade de gênios dos nossos governantes com as empregadas domésticas é coisa antiga. D. Laudelina, empregada doméstica de 80 anos, presente ao V Congresso, contou que o I Congresso da categoria que se realizava em Santos no ano de 1936 foi proibido por Getúlio Vargas.



Jovens e velhas, do norte e do sul do país: as mulheres sem terra.

## Sem terra mas com garra

"As mulheres têm um grande desejo de participar das lutas, de tomar decisões na vida da roça. Mas ainda encontram dificuldades dentro delas, por toda uma educação e estrutura familiar que ainda tem".

Depoimentos como esse, de Alice Falcão, líder camponesa de Herval Seco, RGS, foram muito aplaudidos pelos 1500 delegados (400 mulheres) presentes ao I Encontro dos Trabalhadores Sem Terra, realizado de 29 a 31 de janeiro em Curitiba e que incluiu no seu temário a luta da mulher camponesa no Brasil.

Várias viúvas de líderes sindicais assassinados foram ao Encontro. Ao lado de Elizabeth Teixeira (ver pág. 19) encontraram-se Maria Oneide Costa Lima, viúva de Gringo, assassinado em São Geraldo do Araguaia, sul do Pará, quando concorria pela chapa de oposição à presidência do Sindicato. E Maria de Fátima Lima Bandeira, de Thomé-Açu, norte do Pará, onde seu marido Benzinho, presidente do Sindicato, foi as-

sassinado em 1984 a mando de um fazendeiro protegido pelas autoridades. Os pistoleiros que o mataram foram linchados pela população.

Outras mulheres se destacaram como lideranças rurais: Santina Gracielli, única mulher da Coordenação Nacional do Movimento dos Sem Terra, Maria Pinheiro Pereira, favelada em Londrina, Paraná, que participou da ocupação da gleba do antigo projeto da Penitenciária Agrícola de Tamarana e é membro da Executiva Estadual dos Sem Terra.

Animada com a força que a participação feminina representou no Encontro, Santina Gracielli, que permaneceu acampada durante 80 dias diante da Assembleia Legislativa de Campo Grande, Mato Grosso, até que o governo cedeu ao movimento 2.500 hectares de terra, é muito clara:

"As mulheres têm que ter liberdade, tomar seu espaço, mesmo com a dificuldade de deixar sua casa e seus filhos". (Reportagem de Solange Straube Stecz)

## MULHERIO É UM ÓTIMO PRESENTE

### Use o cupom

Assinar *Mulherio* em 85 continua sendo bom e barato. E é a melhor maneira de você resolver aquele presente complicado de aniversário. Ou receber você mesma(o), o jornal regularmente em sua casa. É fácil. Só preencher o cupom ao lado. Ou simplesmente ir até qualquer agência do banco Itaú, com o guia abaixo. Você deposita o dinheiro e já recebe o recibo de assinatura. Qualquer dúvida, veja as instruções no verso.

### ou o guia Itaú

assinatura de 6 números (16 a 21) Cr\$ 13.000

assinatura de 3 números (19 a 21) Cr\$ 6.500

especial sócio/a colaborador/a Cr\$ 26.000

coleção de 11 números (não esgotados) Cr\$ 15.000

PREÇO DE CAPA Cr\$ 2.500

nome		profissão	
endereço			
cidade	cep	estado	fone

Estou enviando o cheque cruzado nº \_\_\_\_\_ do banco \_\_\_\_\_ em nome do Núcleo de Comunicações Mulherio.

Para rua Amália de Noronha, 268, CEP 05410, São Paulo, SP.

Preciso de recibo  sim  não

data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banco Itaú S.A.		Depósito para Crédito em Outras Agências	
Favorecido <b>Núcleo de Comunicações Mulherio</b>		Conta <b>29782</b>	DAC <b>4</b>
Nº e nome da agência <b>0444 - SP - Teodoro Sampaio</b>		Valor Cr\$	
Nome do assinante/depositante		Profissão	Idade
Endereço do assinante	CEP	Cidade	Estado
Indique aqui qual a espécie de depósito que está realizando.			
<input type="checkbox"/> Estou depositando somente dinheiro <input type="checkbox"/> Estou depositando cheque pagável nesta praça ou contra o Banco Itaú de qualquer praça, conforme relacionado no verso			
Autenticação			
Assinatura do assinante/depositante			
Depósito acolhido conforme circular SC-7			
Banco			
Banco Itaú S.A.		Recibo de Depósito	
Favorecido <b>Núcleo de Comunicações Mulherio</b>		Conta <b>29782</b>	DAC <b>4</b>
Nº e nome da agência <b>0444 - SP - Teodoro Sampaio</b>			
Nome do assinante/depositante			
Este recibo refere-se ao pagamento da assinatura do jornal Núcleo de Comunicações Mulherio, pelo período de um ano (seis números).			
<input type="checkbox"/> Estou depositando somente dinheiro <input type="checkbox"/> Estou depositando cheque pagável nesta praça ou contra o Banco Itaú de qualquer praça, conforme relacionado no verso			
Autenticação			
O valor acima registrado só será válido sem emendas, rasuras ou ressalvas e feito em máquina do Banco.			
Assinante/depositante			

## Tá tomando fôlego

Dezembro de 1984: João Yunes, secretário estadual de saúde de São Paulo, recebe a Carta de Itapeverica contendo as reivindicações tiradas durante o 1º Encontro Nacional de Saúde da Mulher e anuncia sua disposição de voltar a chamar os grupos de mulheres para um segundo bate-papo.

Fevereiro de 1985: forma-se uma nova comissão, dentro da secretaria, para implantar o programa estadual de saúde da mulher, que este ano será a prioridade número um da secretaria paulista. Esta comissão se reunirá com os grupos de mulheres de São Paulo. O movimento de mulheres senta

para decidir o que apresentar àquela comissão. Propõe um fórum mensal de debates para discutir passo a passo a implantação do programa, através dos seguintes pontos: educação sexual, treinamento de técnicos, atendimento ao parto, política de medicamentos e de pesquisa em reprodução, aborto, etc...

De Campina Grande o grupo de mulheres manda avisar ao secretário do município adorado a Carta e pediu pra discutir com elas. Já o secretário do estado permitiu que elas se reunissem com sua equipe, garantindo que esse processo vai continuar. (C.S.)

Rio de Janeiro

## Lei de aborto causa polêmica

Deu editorial no Jornal do Brasil e se manteve no noticiário carioca e fluminense durante duas semanas a lei aprovada pela Assembleia Legislativa do Rio e assinada pelo Governador Leonel Brizola que estabelece obrigatoriedade da rede estadual de saúde de atendimento médico para a prática de aborto, nos casos previstos no Código Penal.

O projeto de lei, de autoria de Lúcia Arruda (PT-RJ), vem no sentido de resolver os impasses criados quando gestantes que correm risco de vida ou mulheres que engravidaram a partir de estupro recorrem aos hospitais públicos e ... não recebem nenhum atendimento. Apesar de o aborto ser legalizado nesses dois casos. Tratou-se, portanto, de apenas tornar obrigatório o cumprimento da lei federal.

A Secretária de Saúde, em resposta aos ataques dirigidos contra a lei, afirmou que o objetivo principal do decreto é a "defesa da mulher fluminense, vítima das injustiças sociais, de maridos machões e violentos, dos assaltantes estupradores e dos tarados, garantindo a ela o direito de não ter filho de bandido, de tarado ou de torturador."

O Cardeal D. Eugênio Sales considerou iníqua a lei que "enodosa o legislativo e todo aquele que contribui para executá-la." E o Secretário da Saúde respondeu que o que se levou em consideração foi o fato de que centenas de pacientes, principalmente nos casos de gravidez provocada por estupro, se submetem ao aborto nas piores condições higiênicas.

Na resolução encaminhada aos hospitais consta que as pacientes ou seus responsáveis deverão assinar uma autorização para o aborto. Qualquer médico escalado poderá se recusar a fazê-lo por motivo de crença religiosa. A regulamentação da lei prevê ainda apoio psicológico e social para as mulheres a serem submetidas ao aborto.

Lúcia Arruda, junto a grupos de mulheres cariocas, considera essa lei uma vitória do movimento de mulheres. E lembra que o Encontro Nacional sobre Saúde da Mulher, realizado em novembro último, aprovou a sugestão de que iniciativas semelhantes fossem assumidas pelos Legislativos. Alô, alô deputadas e deputados estaduais!



### Irmã Irene

da paróquia de São Félix do Araguaia, que disse em Itapeverica que sem consciência do próprio corpo a mulher não entra na luta social.

### X Fafá de Belém

que não gosta de feminista porque acha que tem coisa mais importante pra ser falada do que problema de mulher.

### Irmã Zeca

que "gostaria de compreender como a Igreja Católica pode aparecer como um certo espaço libertador para nós mulheres para, em seguida, levantar os limites postos pela mesma instituição a uma efetiva e total emancipação feminina" (palestra sobre Mulher, Igreja e Processos de Libertação na PUC-SP).

### X O Papa

precisa explicar?



## Pílula do aborto

R.U. 486. Esta é a matrícula do novo "contragestivo", a pílula abortiva inventada pelo médico francês Etienne Emile Baulieu, diretor de pesquisa no Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica e que trabalha também para o Laboratório Roussel-Uclaf, daí o código R.U.

A descoberta do dr. Baulieu não é nova: data de 1982. O que é novo é a pesquisa sueca que demonstrou ser a R.U. 100 por cento eficaz quando associada a uma pequena quantidade de prostaglandina.

A R.U. 486 pode ser utilizada tanto como pílula de fim de ciclo para fazer "descer a menstruação", quanto como pílula abortiva. E aí que seu desempenho se torna revolucionário. Caso ela venha a ser comercializada, para se praticar uma interrupção voluntária da gravidez, não serão mais necessários nem hospital, nem anestesia, nem curetagem. Será possível abortar em casa, com segurança, e sem enfrentar olhares, recriminações ou comentários.

A R.U. 486 substitui a

progesterona, hormônio indispensável à gravidez. Não é hormônio e não demonstrou, até agora, efeitos colaterais. Até a pesquisa realizada pelos suecos, o maior inconveniente da R.U. 486 era sua relativa eficácia: 70 por cento, uma alta percentagem para um "contragestivo". Os médicos suecos associaram à R.U. 486 uma pequena dose de prostaglandina, pseudo-hormônio que contrai violentamente os músculos do útero, interrompendo assim a gravidez.

Se é promissora a existência de um método abortivo nada cirúrgico, limpo, administrado individualmente e sem risco, o diabo é a proposta controlista que vem junto: o laboratório francês Roussel-Uclaf, pai da pílula, concluiu um acordo com a Organização Mundial de Saúde e Population Council de comercialização que lhe permite vender a R.U. a preços de custo nos países do 3º Mundo e tirar a forra comercial nos países industrializados. (Extraído do *Nouvel Observateur*)



### Instruções para Depósito

Este depósito pode ser efetuado em qualquer agência do Banco Itaú, de acordo com a circular interna do Banco SC7.

Se você não quiser recortar seu jornal para fazer a assinatura, é simples: vá a qualquer agência do Banco Itaú e preencha um formulário de depósito para crédito em outras agências, modelo 1721, ou uma solicitação de ordem de pagamento modelo 88, para crédito na conta 29782-4, em nome de Núcleo de Comunicações Mulherio, agência 0444-SP-Teodoro Sampaio.

Para isso você não terá qualquer despesa adicional, pagando apenas o valor da assinatura. Acrescente no formulário, por favor, sua profissão e idade, para fins de cadastramento de nossos assinantes.

Preencher de cheques atropados para depósito	
Série e nº do cheque	Nº banco
	Valor

## Pintando Sexo

Mais um audiovisual do SOS Corpo de Recife, desta vez discutindo a sexualidade na adolescência, a partir de pesquisa feita no Grande Recife com adolescentes de diferentes classes sociais. Acompanha o audiovisual um roteiro do texto e um folheto com 17 perguntas para orientar as discussões.

Quem quiser comprar ou ter mais informações é só contatar o SOS Corpo, R. do Hospício, 859 conj. 14, 5000 Recife, PE, tel. 221-3018.

## Maria Bonita

Acaba de ser produzido um audiovisual sobre mulheres espancadas. São 160 slides que ilustram depoimentos de diferentes mulheres, inclusive Eliane de Grammont, seis meses antes de sua morte. É um trabalho do grupo **Maria Bonita** e está à disposição dos interessados no endereço: R. Wisard, 23, 05434, São Paulo, SP.

## Calendário de 85

Uma feliz união entre a pesquisadora Maria Lucia Mott e o Conselho Estadual da Condição Feminina/SP resultou em um calendário que homenageia doze escritoras brasileiras do passado, com biografias mais ou menos (des)conhecidas. Colaboraram na produção Tanya Volpe (fotografia), Oliva Imagem e Produto e CBBA. Está sendo distribuído pelo Conselho, rua Estados Unidos 346, 01427, São Paulo, SP, tel (011) 8521750.

Maria Benedita Bornemann

© 1985, Editora do Brasil, Ltda. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução sem autorização expressa da Editora do Brasil, Ltda. Este calendário é uma publicação da Editora do Brasil, Ltda. e não deve ser vendido separadamente. O preço de venda é de R\$ 2,00. Este calendário é distribuído gratuitamente em quantidade limitada. Não é permitida a venda de cópias deste calendário. A Editora do Brasil, Ltda. não se responsabiliza por danos ou prejuízos de qualquer natureza decorrentes do uso deste calendário. A Editora do Brasil, Ltda. não se responsabiliza por danos ou prejuízos de qualquer natureza decorrentes do uso deste calendário. A Editora do Brasil, Ltda. não se responsabiliza por danos ou prejuízos de qualquer natureza decorrentes do uso deste calendário.

**MARÇO**

dom seg ter qua qui sex sáb

					1	2
					3	4
					5	6
					7	8
					9	10
					11	12
					13	14
					15	16
					17	18
					19	20
					21	22
					23	24
					25	26
					27	28
					29	30

## Tarde e fora de hora

Cã pra nós, depois de ver os comerciais do governo sobre habitação, abastecimento, gênero loção pra calvície ou remédio pra emagrecer (antes era assim, depois ficou assado), ficamos esperando um sobre os benefícios de 21 anos de ditadura militar sobre a **questão** mulher. Tipo assim: vocês lembram (ao som de Amélia) das mulheres antes de 64, coitadas eram tão atrasadinhas, só faziam marchas clamando golpes, não se manifestavam por nada mais, curtiam horrores concursos de miss... Tcham, tcham, tcham vejam hoje e dá-lhe foto de manifestação de mulheres contra a violência, contra arrocho, pelas diretas... (Ao som de eu vou pra Maracangalha, eu vou, eu vou convidar a Canalha, eu vou...) Você trabalhou e o Brasil mudou. (E.L.)

## Febem

A Comissão Teotônio Vilela reconheceu no seu relatório da visita à Febem, que a atual diretoria da instituição está "no caminho da superação dos métodos autoritários no tratamento dos menores infratores". Aos argumentos favoráveis citados pela comissão, acrescentamos mais um: a Febem abriu suas portas a uma equipe de pesquisadores da Fundação Carlos Chagas para a criação conjunta de folhetos de educação sexual. Menores e maiores adoraram a experiência. O uso dos folhetos (**Nossos Corpos, Nossas Paixões, Evitando a Gravidez**) não será exclusividade da Febem, até porque, em matéria de informação sexual, a carência dos jovens é quase a mesma, sejam eles "carentes" ou não. Contatos na Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato 1565, 05513, São Paulo, SP, tel. (011) 211-4511.



Hilda Ulbrich: uma empresária na luta da mulher.

Em São Paulo elas são apenas 200. Mas são mais de 250 mil em 60 países, lutando pela igualdade de oportunidades para a mulher na vida econômica, civil e política. Estamos falando das **Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais**, que no Brasil já existem também em Joinville (SC) e Brasília. A Federação Internacional dessas associações, criada em Genebra, Suíça, em 1930, tem status para consulta em várias organizações mundiais como a Unesco e ONU.

Formada guarda-livros ("naquele tempo ainda era isso") com vários cursos de aperfeiçoamento nos EUA, profissional de publicidade há 37 anos e fundadora e presidente da Agência de Publicidade CBBA, Hilda Ulbrich Schützer, 57 anos ("ainda com muito gás"), assumiu em dezembro a presidência da Associação de São Paulo, que nos últimos tempos esteve voltada para o projeto das pequenas e médias empresas.

Seus planos para este ano de gestão são "consolidar a entidade, reunindo em pequenos grupos diferentes profissionais

— empresárias, advogadas, administradoras de empresa, arquitetas — para trocar experiências e até fazer negócios". E ainda chegar ao final de sua gestão com 300 sócias e ativar os núcleos do Rio e Porto Alegre para criar novas associações, dando continuidade ao programa desses três anos de existência com cursos e palestras sobre os mais variados assuntos.

"O seminário sobre artesanato, que reuniu mulheres do Vale do Paraíba, do Paraná e do Vale do Jequitinhonha, em Minas, resultou em várias melhorias práticas ao trabalho das pessoas envolvidas na área.

O seminário sobre a situação jurídica da mulher também foi muito útil: reunimos advogados trabalhistas, de direito civil e discutimos o Novo Código e a situação da mulher dentro dele.

O divórcio foi outro problema que debatemos. Afinal, o que isso influi na vida da mulher profissional?"

A Associação é formada principalmente por profissionais e empresárias da pequena e média empresa: perfumarias,

confeccões, revendedoras, decoradoras. "Essas mulheres lutam muito para tocar seu próprio negócio, muitas vezes sem marido para ajudar, às vezes com o marido atrapalhando", brinca Hilda, que na verdade tem um marido "que ajuda muito". Entre as poucas grandes empresárias, Maria Cláudia Schmidt, presidente da fundação Tupi (Joinville), Ivone Capuano, das Pannels Clock, e Isa Weiss, da Cerâmica Weiss (São José dos Campos).

Formada por um Conselho de 21 mulheres e uma diretoria com duas vice-presidentes, duas secretárias e duas tesoureiras, a Associação de São Paulo trabalha ainda com três presidentes: uma ex (Maria Paula Caetano da Silva), uma executiva (Hilda Ulbrich) e uma pré-eleita (Amália Ruth Schmidt). Um de seus objetivos, neste Ano Internacional da Juventude, é localizar as jovens empresárias que estão começando e dar um apoio a elas, compartilhando experiências. "Afinal, as jovens de hoje serão líderes amanhã", lembra Hilda. (I.C.)

## Vade retro ditadura militar

Deu na Tribuna da Imprensa: **Propaganda sexy no exterior.** Não se sabe se é uma nova e excitante **merchandising** visando recuperar a imagem do Brasil, ultimamente tão arrasada no exterior, o fato é que tem causado espanto os prospectos de propaganda que a **Braspet** tem distribuído na Europa.

Os mesmos mostram uma garota de costas **completamente nua**, com a seguinte e sugestiva legenda... "O que o Brasil pode te oferecer... É o País das Maravilhas."

## Anarc... e outras listas

Bound Together, livraria / ponto de encontro de um coletivo anarquista, dispõe de um arquivo especializado em livros, panfletos e jornais anarquistas e libertários. Pretendem enriquecê-lo ainda mais fazendo contato com publicações "alternativas" do lado de cá do Equador. Arte, política, literatura, poesia, ecologia, feminismo, gay, anarquismo, índios, punk ... o espectro de temas que lhes interessam é vasto. Escrevam para 1369 Haight St. at Masonic, San Francisco, CA 94117, USA.



## Paradoxos

Programas de rádio que envenenam o espírito, como os dos nefastos Afânázio Jazadi e Gil Gomes, anunciando insistentemente produtos "para nossa saúde". A Ultrafêtil despejando gazes venenosos na atmosfera, em Cubatão. A vida está mesmo pela hora da morte. (I.C.)



**Cabra Marcado para Morrer** — 1984. Direção de Eduardo Coutinho. Narração de Ferreira Gullar, Tite de Lemos e Eduardo Coutinho. Grande prêmio do Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro.

Seleto círculos universitários há anos protestam que a história dos vencidos ou coisa que o valha, a verdadeira história, ainda está por ser feita. Eduardo Coutinho faz isso, e muito mais. O que os narradores e as cenas de "Cabra Marcado para Morrer" não dizem, dão a entender. As seqüências, as manchetes e os apurados closes, com ou sem depoimentos, valem por mil sentenças professorais. O olho da câmera é o da mais genuína emoção, que vai crescendo, suave e firme, até chegar à face incrivelmente opressa e às lágrimas secas de Elisabeth Teixeira. Eduardo Coutinho tirou do armário seu cadáver particular ou filho perdido — o filme original — de extrema beleza plástica, uma pintura, e resgatou do nada os enterrados vivos. A "calada e assombração" Marta Maria da Costa (nome fictício de Elisabeth Teixeira) e os sobreviventes de Galiléia falam, de certa maneira, por outros tantos soterrados de 64, soldados e marinheiros que, dizem, não foram nem sequer anistiados, mas serviram como boi-de-pirinha, para as penas exemplares, tradicionais na nossa edificante história política, haja visto Tiradentes e João Cândido.

Em **Cabra Marcado para Morrer** as falas, particularmente aquelas dos camponeses de Galiléia, são cheias de cuidados na escolha do melhor vocabulário, o mais engomado, e de acordo com a solemnidade real do momento, de contar sua história, finalmente sem interpretações e porta-vozes. A seqüência dos livros guardados como um talismã por João José do Nascimento em Galiléia, e a penosa deambulação da câmera pelos corredores da Casa de Detenção do Recife, ao som das sábias palavras de João Virgílio Silva ("o que foi que eu construí para a nação nas grades da cadeia?"), não apenas rasgam corações, mas tam-



A família de Elisabeth em 1962, soterrada dois anos depois pelo golpe militar...

ALBERTO FERREIRIBANCO DE DIADOS FSP

## Cabra marcado: nas telas, a história dos vencidos

bém encerram uma pedagogia irônica, a única capaz de dramatizar como no Brasil a realidade supera a ficção em matéria de absurdo. De tal maneira que, por exemplo, uma cadeia de sinistra memória, construção que se não é medieval no estilo é na intenção, por coincidência se converte em santuário da cultura ou, como diria talvez o famigerado Gilberto Freire, da doçura dos nossos costumes senhoriais.

As mais sutis cenas da diáspora da família Teixeira são as do filho mais velho, Abraão, um tipo velhaco e falastrão, que consegue deixar a mãe agastada com seu desconchavo reacionário, regado com lágrimas de crocodilo. Seu irmão

Isaac, o único cuja vida não foi tão madrastra, parece não diferenciar o Brasil do planeta Marte, estando a salvo de ressentimentos maiores, como se percebe pela sua fisionomia amena e amistosa, que também é a de Carlos, o único filho que restou ao lado de Elisabeth Teixeira. Um tema que atravessa todo o filme, e toda a vida de qualquer mulher, é o da família. Uma das maiores chantagens pegando no pé das mulheres militantes, que está no ar, nem precisando ser muito explícita pelo fato mesmo de ser eficiente, é a de que os filhos serão jogados de um lado para o outro, sendo que a inteira responsabilidade e muita dor acabam desabando sobre a mãe. Elisabeth Tei-

xeira pagou um altíssimo preço pela sua dignidade, e teve sua família destrocada por obra e graça dos paladinos da família e da propriedade (deles). A verdade é que tudo teria acontecido não muito diferente para os Teixeira. Melhor então ver a família em pedaços, escapando, do que vê-la na mesma situação ou até pior, sem saber porque, enxotada da terra, como tem sido o destino de milhares de famílias camponesas do Nordeste. Passados quase vinte anos, afinal valeu mais a pena se enterrar numa cidade quase-morta, esquecida até pela Rede Globo, do que se deixar matar como mosca.

Márcia Mendes de Almeida



Marcélia Cartaxo (à esquerda) e Suzana Amaral com Edgar Moura, também diretor de fotografia de **Cabra Marcado para Morrer**.

## A hora das estrelas

Suzana Amaral ficou conhecida entre nós pela autoria de **Minha Vida, Nossa Luta**, sobre um grupo de mulheres da periferia de São Paulo. Ela agora acaba de filmar seu primeiro longa-metragem, **A Hora da Estrela**, baseado no último livro escrito por Clarice Lispector antes de sua morte, em 1977, que deverá ser lançado em setembro.

"Um produto feminino", essa a opinião da produtora Assunção Hernandes: das 26 pessoas da equipe onze eram mulheres, entre elas Eliane Bandeira, autora de **Balzaquianas** e **Terceira Idade** (junto com Marília Andrade).

No papel principal um nome inteiramente desconhecido: Marcélia Cartaxo,

do grupo de teatro Terra, da Paraíba. No papel de uma cartomante a consagrada Fernanda Montenegro, que achou "muito doce trabalhar com uma equipe de mulheres".

O filme conta a estória de uma nordestina que vem para o sul, como tantas outras, para enfrentar a cidade grande com seus milhões de habitantes. Uma metáfora sobre o conflito entre o sul e o norte, "essa raça anã que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito".

Produção conjunta da Embrafilme e Raiz Produções Cinematográficas. **A Hora da Estrela** tem ainda no elenco os ótimos atores José Dumont e Tamara Taxman. (I.C.)

**Q**uando uma mulher vê seu marido ou seu filho assassinados barbaramente, daquele dia em diante seu ideal deve ser o de protestar, de se tornar uma lutadora incansável". Elizabeth Teixeira, paraibana de 59 anos e mãe de 11 filhos, segue à risca sua afirmação. Memória viva das lutas camponesas no Brasil, esta mulher forte e corajosa viu seu marido assassinado a mando de fazendeiros, viveu toda espécie de perseguições, viveu na clandestinidade 17 anos e teve sua família destroçada.

"Mesmo antes do assassinato do pai minhas crianças já eram frustradas. As vezes estávamos em casa com a porta fechada e chegavam homens batendo por todo lado, chamando João Pedro. Eram campangas querendo pegá-lo. Faziam de tudo para que ele recuasse na luta."

Nessas ocasiões Elizabeth sentava-se à mesa e cantava com os filhos, para distraí-los — uma das cenas mais emocionantes do filme de que é personagem principal, de Eduardo Coutinho. "Depois da morte do pai Marlucci, a mais velha, foi ficando cada vez mais frustrada e em novembro de 62, aos 18 anos, suicidou-se."

#### Ligas Camponesas

João Pedro Teixeira, marido de Elizabeth, criou a maior Liga Camponesa do Nordeste em Sapé, Paraíba. Ali organizou os camponeses e conseguiu acabar com o "cambão", dia semanal de trabalho gratuito que tinham que dar ao dono da terra. Isso foi em 1958.

"Em 1954 chegamos a Sapé e João Pedro, junto com os camponeses, começou a lutar por nossos direitos. Naquela época eu ainda não participava, mas logo comecei a ir nas reuniões da Liga, aos sábados. Logo depois que assassinaram João Pedro, a dois de abril de 1962, fui a Brasília depor numa Comissão Parlamentar de Inquérito. Quando voltei assumi a presidência da Liga. Veio a repressão e eu resistia. A luta era dura, fui



...uma história contada por ela no Encontro dos Sem Terra, em Curitiba.

AGÊNCIA ESTADO

## Elizabeth Teixeira: uma mulher marcada pela esperança

presa várias vezes, mas nunca recuei."

Foi muito difícil para Elizabeth assumir a liderança dos camponeses com 11 filhos para criar. "Muitas vezes eu estava com criança doente e chegava um camponês dizendo que havia um desentendimento em uma propriedade, querendo minha presença. Outras vezes chegava a polícia e me levava presa."

Com o golpe de 64 ela teve que fugir, primeiro para Recife, depois para o Rio Grande do Norte. Conseguiu levar consigo apenas um de seus filhos, Carlos, que a acompanhou nos 17 anos de clandestinidade em que viveu com o nome de

Marta Maria da Costa.

"Eu não pude dar experiência a meus outros filhos, que ficaram com minha família. Meu pai era proprietário e contra a luta dos camponeses. As crianças receberam apenas a instrução dada por eles."

O filho Abraão, com quem vive atualmente em Patos, na Paraíba, foi estudar em João Pessoa "com direito a fazer refeição no restaurante universitário". Isaac foi estudar em Cuba como bolsista. Elizabeth só o viu pessoalmente mais uma vez, quando viajou a convite de Fidel, em 63. Em 81 Isaac foi entrevistado

por Coutinho. Elizabeth o viu no filme, mas não teve nenhum outro contato com ele. Também o filho Pedro Paulo ela não conseguiu mais rever: "Ele é camioneiro no Recife, viaja muito. Fui até lá mas não consegui encontrá-lo."

#### Cabra Marcado

Era o ano de 1962. Um grupo de estudantes do CPC, Centro Popular de Cultura, da UNE do Rio, chega a Sapé e encontra os camponeses concentrados em protesto pelo assassinato de João Pedro por um militar e um boiadeiro, a mando de fazendeiros. Dois anos depois, Eduardo Coutinho propõe a eles a realização de um filme sobre sua vida.

O filme é iniciado, tendo os camponeses como atores. Elizabeth vive sua própria história. Com o golpe militar o material é apreendido e o trabalho interrompido. Elizabeth foge e passa a viver clandestina, sob nome falso e sem saber dos filhos. Até que Coutinho retoma o filme, fazendo um trabalho de reconstituição do destino da família de João Pedro Teixeira e dos camponeses que participavam dele quando foi interrompido.

"Em 1981 Eduardo Coutinho foi à Paraíba, procurou Abraão e o levou até mim. Assustado, ele me disse: mãe, eu nunca pensava encontrá-la, tinha medo de ir vê-la e ser perseguido. Foi quando reencontrei meu filho."

Participar de um filme que conta a vida de sua família, feita em pedaços, foi uma emoção muito forte para Elizabeth. "Sentir o passado repercutir dentro de nós, relembrar toda a luta foi algo que muito me emocionou. Ao mesmo tempo senti a alegria de ter sido uma luta que não foi inútil. Foi uma luta gloriosa e hoje aí está o filme, repercutindo em todo o Brasil e no mundo inteiro. Com ele todos estão tomando conhecimento da vida do homem do campo, da miséria em que ele vive e também do desterroamento de uma família pelo sistema. Quem assistir o filme saberá melhor a história do Brasil."

Solange Straube Steez

### Abraão, o falastrão

Depois do Encontro dos Sem Terra, a próxima viagem de Elizabeth Teixeira será a São Paulo, para as comemorações do 8 de março. Mas desta vez virá acompanhada do filho Abraão, jornalista na Paraíba em campanha contra o produtor e o diretor do *Cabra Marcado* sob a acusação de estarem explorando a "pobre mulher".

Não se sabe exatamente qual o acordo firmado entre Coutinho e Elizabeth, sobre as rendas do filme. Mas quem viu o *Cabra* sabe que pode desconfiar dessa história. "Um tipo velho e falastrão, que consegue deixar a mãe agastada com seu desconchavo reacionário, regado

com lágrimas de crocodilo", como o define Márcia M. de Almeida, Abraão se infla no papel de filho "protetor" da mãe viúva e a intimida com seu discurso que louva incansavelmente o presidente Figueiredo pela abertura política.

E parece agora querer lucros...

Ainda sobre o filme, nos juntamos às vozes que, como Eduardo Suplicy (PT/SP), esperam que o governo federal libere o *Cabra* para menores de 18 anos de modo que ele possa ser amplamente exibido entre os jovens, que não conhecem nossa história.

Inês Castilho

### O campo nas cidades

Muito agito na área de comunicações sobre trabalhadores rurais: Qual é a questão do Bóia-Fria acaba de ser lançado pela Brasiliense, de autoria de Maria Conceição D'Incao. Depois de quatro anos de pesquisa no Cedec, com financiamento da Fundação Ford, Conceição lança também uma série de sete áudio-visuais que enfocam as principais demandas dos trabalhadores da cana, junto com Moacir Botelho, Maria Izabel Vieira Botelho e Jolanda Huzak. Izabel e Jolanda, por sua vez, realizaram o áudio *A Trabalhadora da Cana: quem é essa mulher?* O mesmo tema de uma curta-metragem que está sendo finalizado por Marlene França. E tem ainda Rosa Bala,



CLAUDINE PETROLI/AGÊNCIA ESTADO

áudio realizado por Maristela Andrade e Murilo Santos, financiado pela Fundação Carlos Chagas, com base no

depoimento de uma camponesa do Vale do Rio Carú, Maranhão, sobre a vida das famílias da região.



O aniversário que conta: 40 anos dia 17 de março.

## MUITO PRAZER, ELIS. SEMPRE.

**S**e você ouviu dizer que alguém viu Elis passar por aqui, ontem, não se assuste: não foi fantasma não! Aniversário de morte não se comemora e além de não fazer sentido, nada tem a ver com essa pimentinha chamada Elis Regina.

Morte significa uma energia que se esvai, esgota, ou pelo menos, se transfere pra um lugar desconhecido, noutra dimensão. E eu, mesmo não pertencendo à geração que acompanhou o florescer da carreira d'Essa Mulher, venho conhecendo o trabalho e a personalidade dela cada vez mais, quando esbarro com ela aqui e acolá, sem apelar para qualquer mediunidade que possa ter.

Elis sempre foi muito esperta, muito "viva"... É continua, mais do que nunca. O aniversário que conta é o que ela faz agora, no dia 17 de março: 40 anos de vida terrestre, dos quais 28 entregues ao suor por uma MPB "padrão-internacional". Em Porto Alegre, no bairro dos Navegantes, deve haver um bolo enorme e muita comemoração entre amigos e família.

O brinde é à estrela que chega aos quarenta com a mesma energia da Elis, pimentinha de doze, que contrariou o pai querendo ser cantora. "Sou peixes e sei que esse é o signo da confusão. Eu me confundo sobre quase tudo, menos quanto a minha vontade de cantar e soar bem alto. Doa a quem doer, eu canto."

Mas o brinde se estende a Sampa, esta cidadezinha que negou o seu estouro como a segunda Cely Campelo, de um selo concorrente. Muito mais do que uma tentativa frustrada, uma indicação de que um caminho próprio já estava traçado. E as taças hão de se bater novamente a Paulo Gracindo, que a ouviu cantando ("não me lembro onde") e a levou ao Beco das Garrafas — onde aconteceu Edu Lobo, com UPA NEGUINHO e o

primeiro arranjo de Cesar Camargo Mariano para ela.

Talvez a própria Elis peça para lembrar o nome de um outro "neguinho" importante: Jair Rodrigues. "Com toda essa negritude, ele me iluminou muito".

— "Mas em 66 eu já tinha 21. Virei mocinha emancipada, sabe como é..." Foi "preciso aprender a ser só" pra virar estrela de primeiro brilho. Hoje, a gente sabe: brilho único. Ela sabe também, e dá um riso debochado.

Depois dos brindes todos, ela é capaz de olhar o bolo e dizer: "Ó cara, de quem foi a idéia de jerico de botar as velinhas todas!"

### Nada de choro, rapaziada

Elis é assim, e eu não preciso conhecê-la desde sempre pra aprender a gostar do seu jeito, pois ela continua por aí, dando canjas, gargalhadas e socos na mesa.

"No sindicato eu já fiz tudo o que podia. Minha luta pelos direitos de execução é até mais do interesse dos músicos do que meu. A batalha não pára, mas a minha parte é a briga e eu já briguei bastante, agora eles que continuem..." (81)

Agora ela quer mais é levar uma vida tranqüila e nem se incomoda com quem acredita "nesse papo de morte". Quanto ao último disco, ela achou muito estranho: talvez o pessoal não confiasse no comparecimento dela ao estúdio, ou quiseram aproveitar umas coisinhas já gravadas. Tudo bem. Foi um belo trabalho de engenharia de som (e talvez até o Lincoln Olivetti seja citado na hora dos brindes!)

O que importa é que, até no Rock in Rio, a melhor opção para um intervalo entre Gilberto Gil e James Taylor ainda é um "tape" da Elis-Bossa Nova, da Elis-Samba, ou mesmo da versátil Elis-Rock-Lee. E nada de choro, rapaziada, porque tudo envelhece, mas o brilho dessa estrela aparece sempre mais.

Renata Figueira de Melo

## UM U.F.O. CHAMADO NINA HAGEN

**É** difícil acreditar que ela, fora do palco, é uma mulher comum, de carne e osso: que tem que se lembrar do horário de refeições da filha, descobrir uma marca de shampoo que lhe dê brilho aos cabelos semi-rosa-choque, e tudo o mais. Mas é verdade.

Katherina Hagen, a bruxa da música "new-wave" (acabaram por encaixá-la no estilo, já que nem um outro a comportaria) é capaz de sentar-se — perninhas cruzadas — diante da imprensa e falar sobre coisas muito sérias, num tom de mulher emancipada, consciente, apesar de — antes de qualquer coisa — libertária.

Sua visão do mundo é tipicamente aquariana. Ela fala do planeta Terra apenas como um espaço geométrico que abriga esta imensa "tribo" de cerca de 5 bilhões de indivíduos. Na verdade, ela declara (e parece mesmo acreditar nisso) pertencer a outra galáxia, e considera a "passagem pelo nosso mundo como uma missão que recebeu para trazer paz e compreensão, através de sua arte.

Misticismos à parte, conta que de sua adolescência para cá, ela praticamente permanece a mesma pessoa. Quem sabe do seu passado como líder estudantil, organizadora de passeatas pelo desarmamento nuclear, ativista política, etc., pode concluir que o que resiste é a essência dissonante de rebelde e pacifista.

"Quero ser uma eterna adolescente" — diz sua voz "mutante" (durante as conversas ela também oscila entre o grave e o agudo-lírico, quase angelical) além dos sinais claros de que o impeto é

real: unhas pintadas uma de cada cor (nenhuma repetida) minissaia justa, rabo-de-cavalo, símbolo hippie no pescoço e o nome do ex-caso tatuado no braço esquerdo.

Sobre a tatuagem ela explica: "Ferdinand é um nome querido para mim. Estaria na minha pele de qualquer maneira, mas a tatuagem é mais um modo escolhido para pensar no pai de minha filha, Chosma. Casamento? Prefiro a palavra **acasalamento**..."

Chosma Shiva é uma garotinha viva e risonha. Tem uma mãe meio "aloprada" mas que não desgruda dela de jeito nenhum; prova disso é ela ter vindo ao Brasil em ritmo de tournée-relâmpago pelo eixo Rio-Sampa. Ninguém da imprensa conseguiu falar com ela, mas algum observador teria dito que ela adorou o Brasil. Nina confirmou: "Principalmente as praias do Rio e as crianças. As viagens não são cansativas para ela; são como passeios e ela sempre se diverte muito. Além de mim, ela conta com dois pais postíços (uma babá e um segurança) que adora."

### Do feminino ao masculino

Não se posiciona como feminista porque "para mim o sexo não difere as pessoas e sim as suas polaridades. Só com o tempo as pessoas perceberão que é mais importante lutar contra as guerras atômicas."

Nina acha que o apocalipse se aproxima. Fala muito em Deus e faz questão de combater a idéia de que ela seria uma espécie de anticristo-de-saias. Muito pelo contrário, ela se considera um extraterrestre que mantém contatos com criaturas celestiais e garante, pelo que tem ouvido delas, que seremos salvos por habitantes de um planeta projetado em outra dimensão cósmica. No mínimo, uma hipótese exótica.

Mas enquanto não vem o fim do mundo, Nina sobe aos palcos com sua voz incrível e continua trocando de perucas, sacudindo cruzeiros e cachorrinhos pendurados, entortando microfones, provocando a platéia bi-sex num misto de bruxaria-performática, horror-show, teatro de revista-eletrônico e, pasmem, toda pompa de uma ópera de Bizet! (R.F.M.)



F. B. BRUNDELL

*Eu estava grávida, comecei a vomitar, eu não queria, eu nunca quis! Eu devoro pilulas, definitivamente! Não vou ter nenhum bebezinho. Por que eu como mulher devo cumprir meu dever? Pra quem? Pra eles? Pra você? Pra mim? Eu não desejo cumprir meu dever! Nem pra você, nem pra mim, eu não tenho dever!*

*Maternidade sim, mas livre! Em 1980, Nina Hagen gravava Indescritivelmente Fêmea, e acrescentava: Marlene tinha outros planos, Simone de Beauvoir disse Deus me livre! E antes dos primeiros vagidos de um bebê eu tenho primeiro que me libertar. Para quem não sabe, os planos de La Dietrich eram o amor homossexual.*

# A LOUCA REPÚBLICA DO ROCK



As previsões de uma Sodoma e Gomorra versão 1985 não se confirmaram.



**Cena 1:** Mãe e filha sentadas sobre o plástico do saco de lixo desfeito pra não se lambusarem na lama. Se fazendo cafuné, contentes de estarem ali juntas. Uma emoção mais forte da que vibrava ao redor.

**Cena 2:** "Suas lésbicas, suas putas. Fora sapatão!", e dá-lhe pedra. Foi a reação de alguns jovens à volta. É a lama, é a lama. E se fosse lésbicas? (C.S.)



Fim de festa. Agora é levar o sonho de volta pro batente.

**T**ancredo começou a nova República. O Rock in Rio começou a louca República. Foram 90 horas de som, um milhão de expectadores, investimentos em torno de US\$ 12 bilhões e a consagração de uma grande estrela universal: Nina Hagen.

O festival de rock foi precedido de grandes debates. O primeiro deles, de fundo moral. A Igreja do Rio, através de D. Eugênio Sales, lançou uma nota temendo pela presença de drogas e sexo. Outras igrejas seguiram o cardeal na sua preocupação.

O segundo debate foi de fundo político. Para muitos, o festival afastaria a juventude de suas tarefas políticas imediatas, sintetizadas na atenção à escolha do novo presidente da república. Para outros, o rock afastaria a juventude de suas tarefas de longo prazo pois anestesiará sua sensibilidade social e os tornaria predispostos à crescente influência estrangeira.

Todo esse debate acabou confundindo o próprio Tancredo Neves. No princípio, ele condenou o festival afirmando que sua juventude era a do trabalho e do sofrimento. Depois, desmentiu isto e afirmou que apoiava o Rock in Rio, desde que não houvesse excessos.

## Alcool, a velha droga

Visto do campo de Jacarepaguá, todo esse debate é ridículo. Aqui mais do que nunca, a única droga que realmente existiu foi o álcool pois o Rock in Rio foi patrocinado pela Brahma que faturou milhões. Sexo se houve não ultrapassou nenhum dos limites que a fantasia dos cardeais estava esperando.

Quanto à política, ficou evidente que os roqueiros, dentro e fora do palco, acompanharam atentamente a eleição do novo Presidente e vibraram com ele. A bandeira do Brasil tremulou várias vezes, levada até por conjuntos estrangeiros como o Scorpions ou o cantor Rod Stewart.

Todo esse blablá em torno de sexo e política acabou impedindo que se visse o Rock in Rio pelo seu aspecto mais importante: o cultural. Nesse sentido, o festival foi um choque.

Em primeiro lugar, sentiu-se claramente que o rock tornou-se uma linguagem total onde a música é apenas um dos seus instrumentos. Roupas, luzes, inventos tecnológicos, atitudes — tudo é

utilizado para comunicar. As letras de Nina Hagen eram incompreensíveis para muitos. No entanto, todos vibraram com ela.

Como explicar isto? A verdade é que os estrangeiros através de seu modo de cantar nos fizeram sentir muito bem comportados. Eles são mais malucos e mais debochados, mexem-se mais e sua temática é mais provocativa.

Além de Nina Hagen que transita com facilidade do masculino ao feminino e é de uma sensualidade especial pois não se deixa aprisionar em poses, um grande espetáculo foi James Taylor. Para centenas de pessoas significou um reencontro como desbunde do princípio dos 70; para milhares de outras que não o conheciam foi a oportunidade de encontrar um tema universal — o amor dos namorados.

## Metaleiros e Mulheres

A grande tribo que chamou a atenção da polícia, dos fiscais, da imprensa e dos sociólogos foi a dos metaleiros. Quase todos adolescentes, usando pulseiras de metal e vibrando com o ACDC e outros conjuntos heavy, os metaleiros foram a novidade não programada.

Eles adoram missas negras, rituais diabólicos e parece que desprezam as mulheres. O heavy não tem praticamente linha melódica e é feito para ser ouvido com todo o volume. O grande ídolo de seus entusiastas ainda é o guitarrista Angus Young, um lindo jovem loiro que não para um instante e ainda costuma mostrar a bunda no palco.

O conteúdo do espetáculo não colocou sequer o problema feminino. Nina Hagen deixou de apresentar seu reggae *Back to Africa* onde ela critica os militantes negros pelo machismo. Rita Lee apresentou Miss Brasil 2.000, uma crítica bem superficial pois ninguém ali parecia ainda com expectativas neste tipo de concurso.

Concentrou-se inicialmente muita atenção no grupo californiano Go Gos. Elas são de uma força de vontade extraordinária e conseguiram abrir seu espaço no mundo masculino do rock. Pena que se apresentaram depois de Nina Hagen e acabaram parecendo moças bem comportadas tocando numa festa de formatura.

Fernando Gabeira

OS MULHERIO 21

## LIBERTA HERESIA

Fradim de Libertação, de Henfil do Bofe, Editora Record, Rio de Janeiro, 1984, 174 pp.

O diabo, absorventes e tampões, ódio entre irmãozinhos, culpas originais do nascimento, Deus. Quem cutuca todos esses temas é o Fradim do Henfil, de volta às livrarias depois de cinco anos de ausência.

O título — Fradim da Libertação — soa à primeira vista uma incursão à Igreja hierárquica (lembram-se do Fradim do Papo?). Mas não. A libertação, aqui, é a coragem de ir fundo nos temas malditos — e haja maldição nisso, é o que a gente suspira depois de fechar a última página desse livrinho de bolso em papel jornal.

Será que é por conter tanta heresia que o trabalho do Henfil está sendo tão pouco divulgado? Parece que não. O boicote ao melhor artista gráfico brasileiro (coragem para assumir a tictice!) começou já há algum tempo e certamen-

## FRADIM de Libertação



HENFIL DO BOFE

te tem tudo a ver com a crítica mordaz à política reinante.

E o prêmio Joseph MacCarthy—1984 foi para a revista Isto É que, tendo afastado Henfil de suas páginas, mandou uma carta a seus assinantes se dizendo também surpresa com a ausência dos cartuns do moço! Bom, antigamente a Isto É tinha, pelo menos a última página...

Tempos modernos. Ou, melhor dito pelo Henfil:

Aqui Henfil fala um pouco sobre os Fradins:

“O Fradim vive em cima da contramão. Sempre em direção a alguma coisa muito fixa, fundamentada, segura, que é o tabu. O tabu só existe se estes pressupostos forem cumpridos: todos aceitam e há segurança nesta aceitação. Por exemplo: mulher não mata. Tai um tabu com aceitação muito forte. As mulheres aceitam, os homens aceitam, Deus aceita através da Igreja. Ai o Fradim chega diante desta situação e reage. Ele provoca uma mulher e ela vai à guerra, literalmente. Então a ação dele é de procurar aquele ponto onde o tabu se arrebeta. Você só consegue fazer uma aventura do Fradim se ele conseguir achar este ponto, que às vezes é uma manchinha imperceptível. Fradim é menstruação! Todo mundo sabe que isto é um tabu. “Estou menstruada”, é uma frase que arrasa as mulheres e os homens, porque todo mundo tá de acordo que quando alguém fala que está menstruada, algo de especial está acontecendo. É uma situação

especial para a mulher e de constrangimento para o homem. Fiz a história da mãe que chegou pro pai e falou: “Olha, nossa filha está menstruada!”, toda alegre pelo amadurecimento da filha. Mas o pai diz: “Quero saber quem foi, quem foi vai ter que casar!”

O Fradim Cumprido é o senso comum, é o tabu, a cultura, é a Constituição, é a Igreja, é o casamento, é o respeito, a ordem, tudo que é estabelecido. O Baixim é um sonolento que fica ali do lado. O Baixim nunca faz nada sem ser provocado. Ele tá sempre presente, sempre do lado do Cumprido, das pessoas, não é um alienado ou um furioso que fica do telhado jogando pedras. Nada. Tá ali do lado. Agora, não pode bobear: bobear, ele começa a atuar. Então, a relação deles é esta. O Cumprido vira pro Fradim e fala “Deus é luz, Deus é vida, Deus é alegria!”, ai o Baixim responde: “agora com sabor de limão!” Deus fica puto e joga um raio sobre ele.”

Ethel Leon

## REVOLUCIONÁRIA E FEMINISTA

Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura, de Miriam Lifchitz Moreira Leite, Editora Ática, São Paulo, 1984, 171 pp.

Num livro bonito, muito bem documentado e resultante de grande esforço de pesquisa, Miriam Lifchitz Moreira Leite, reconstituiu a figura luminosa de Maria Lacerda de Moura (1887-1945).

A autora nos mostra como, a par da intensa militância anti-fascista que desenvolveu e mesmo liderou, principalmente no período de 1928 a 1935, na qualidade de escritora prestigiosa, jornalista, panfletária e oradora, Maria, por essa mesma época, aprofundava seu exame da condição feminina.

Tendo sempre acompanhado a literatura de vanguarda sobre a questão, já em 1918 escrevera: “Sinto-me constrangida quando me falam de uma queda de mulher”. E explicitava que as mulheres não eram como os homens, independentes entre si. Percebia-nos pois como uma “minoría” discriminada, em que a referência a uma atíngia o grupo como um todo. Num livro de 1926 denunciara os obstáculos que a mulher encontra para se assumir como individualidade, sendo um deles o da cilada da maternidade hipocritamente “cantada em prosa e verso”. Ao travar conhecimento com a obra de Han Ryner, Maria Lacerda se impressiona sobretudo com a idéia do amor plural, que lhe permite detectar a discriminação implícita na pobreza do amor único e exclusivo que é exigido das mulheres, enquanto a liberdade do seu companheiro sexual é respeitada, em reconhecimento à sua “superioridade”. Mas não lhe escapava que a própria emancipação feminina podia ser utilizada pelos homens em benefício exclusivo deles, identificada com permissividade preconceituosa. E, arguta, percebia não apenas a complementaridade entre família e prostituição, como também a correspondência entre dois outros massacres: o da prostituta, degradantemente destinada à sensualidade indiscriminada, enquanto outro número imenso de mulheres, as “solteironas”, se estiolava.

Extremamente íntegra e vivendo suas idéias, Maria Lacerda, numa autobiografia

que esboça no final de 1928, discute abertamente sua relação com o marido, o pequeno funcionário com o qual se casara muito jovem. “Nobre confidente, mas não aparece na minha vida intelectual”, escreve dele. De qualquer maneira, a situação conjugal não lhe parecia justa para ele. Da mesma forma que jamais se sujeitaria a ser uma mera “esposa”, achava que ele merecia o direito de deixar de ser apenas o “marido” dela, para ser considerado por si mesmo, como homem e ser livre. Cumpriria pois que se divorciassem “porque somos amigos e porque um sabe respeitar a dignidade humana do outro”. Nesse mesmo texto comenta o absurdo da função de “cabeça do casal” que se atribuiu ao “marido”; e não apenas pelo fato de, no seu caso particular, ser ela a mais dotada, pois jamais aceitaria, em hipótese alguma, a designação de “cabeça” para si própria.

Revolucionária e feminista, Maria Lacerda de Moura foi também a pedagoga preocupada com o papel que podia e devia caber a uma educação diversa da vigente (até hoje) alienadora e massacrante. Em 1944, um ano antes de morrer, pronuncia uma conferência em que louva a grande Montessori, que tanto admirava. Nessa mesma ocasião, presta o seu depoimento dolorido sobre o cotidiano que observava no bairro modesto em que morava, descrevendo a engrenagem terrível de mulheres apanhando de maridos “trogloditas” e vingando-se nos filhos pequeninos. Tudo por fazer, a sociedade por reformar.

Paula Beiguelman



BANCO DE DADOS FSP

Veja você, o Brasil mudou e eu, fazendo a mesma coisa que sempre fiz, viri metaleiro



TAMBÉM QUERO...



HUM... HUM... O QUE É P



O.B. USADO!

CUSP!



É PRECISO DAR PRA SE TER AMIGOS EM VOLTA DA GENTE...



# Novo LEIA

Há sete anos dedicado à produção cultural e editorial, LEIA é o único jornal brasileiro especializado na área. Do inédito ao insólito, das publicações científicas às revistas de quadrinhos, da literatura à imprensa internacional, tudo nas páginas de LEIA. A cada mês, a lista completa dos lançamentos das editoras — a única publicada no país. As novidades no mercado editorial brasileiro e internacional.

E mais:

- o ilustre desconhecido, autores ainda não publicados no país;
- as teses acadêmicas que ainda não viraram livros;
- as manhas e manias dos escritores no ofício de escrever;
- ensaios polêmicos, debates de idéias;
- os livros que fizeram a cabeça de personalidades de nosso tempo;
- informática, literatura infanto-juvenil, inéditos, livros técnicos etc.

Assinaturas pelo telefone 815-3755 ou por carta  
à Cia. Editora Joruês — CEP 05422 —  
São Paulo - SP.

Assine e dê LEIA de presente aos seus amigos

## Bela, fofa e inteligente



### AGENDA 1985

UM PRESENTÃO

CIM (Centro Informação Mulher)  
Tel. 229-4818  
SOF  
(Serviço de Orientação Familiar)  
Tel.s 521-9822 e 297-0703  
São Paulo-SP

Preço: Cr\$ 7.000,

escola e trabalho  
creche  
professores  
política educacional  
discriminação  
família  
universidade  
educação sexual

próximo n.º:  
**ALFABETIZAÇÃO**

Você encontra tudo isso em

### CADERNOS DE PESQUISA

Assinatura: Cr\$ 32.000  
Avulso: Cr\$ 9.000  
Pedidos com cheque nominal à Fundação  
Carlos Chagas  
Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513,  
São Paulo, SP

## Muito Prazer



### PROCURA-SE

Quem trabalha ou trabalhou com os folhetos "Esse Sexo que é Nosso".

Escreva até final de março como foi sua experiência com os folhetos: críticas, sugestões, enfim TUDO. Vamos recultá-los.

Endereço: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, 05513, São Paulo, SP, tel. (011) 211-4511.

## PIU PIU



Venha curtir a intensa movimentação de um bar onde acontece de tudo

Rua 13 de Maio, 134 Tel.: 258-8066

### PARA ANUNCIAR LIGUE: 881-0081

## ARTEBELA

galeria de arte e molduras Ltda.

Gravuras de Volpi, Aldemir, Djanira, Tozzi, Renino, Faygo, Daro, etc. Desenhos e aquarelas de novos artistas. Todo tipo de moldura em madeira, alumínio, laca, ouro envelhecido, prata, etc. Atendemos na sua própria casa. Desconto de 20% com a apresentação deste anúncio. Rua Artur de Azevedo, 2102. Fone: 815.7786

## ESCOLA QUÁ-QUÁ

Educação Infantil  
manhã - tarde - integral  
Matriculas Abertas  
Rua Cunha Gago, 832  
Fone. 210-6613, SP

**CINEMA**

amor paixão  
SEXUALIDADE  
COMPORTAMENTO SAÚDE  
EDUCAÇÃO TRABALHO

em alguns dos assuntos que você encontra nos filmes da

**cdi**

\*\*\*\* veja novo catálogo

CDI Cinema Distribuição Independente  
01327 Rua 13 de Maio 409 São Paulo SP  
Tel. (011) 208-4004



### CLASSIFICADOS

Desenhos em bico de pena e grafite, ilustração e arte final. Anna - tel. 62-1613.

Traduções — inglês e alemão. Fale com a Inês, tel. 276-8160 (das 11:00 às 15:00h).

Parlez-vous français? Se você quer aprender francês com um simpático suíço (que fala português) é só telefonar para Stéfán, 814-5767 e marcar dia, hora e local. E, claro, combinar o preço.

Zulaie Cobra Ribeiro, Advogada Criminal. Telefone (011) 35-1002, Rua Tabatinguera, 93, 2º andar, conj. 22, SP.

Floris Verucci, Advogada do Direito da Família. Alameda dos Aicás, 824, tel. 542-0330 ou 61-0756, SP.

# VIVA NÓS!



## 8 DE MARÇO

*Neste dia internacional da mulher, além das manifestações por todo Brasil - que ocuparão por efêmeros dias um generoso espaço nos meios de comunicação - festejamos também outras mulheres que, invisíveis e anônimas, vêm crescendo sob outros ventos e em novas direções.*

*Festejamos a mulher bóia-fria que, no acordo entre as Federações patronal e dos trabalhadores do Estado de São Paulo, conquistou (ao menos na letra da lei) a equiparação salarial com o companheiro de trabalho. Festejamos as cantoras e as cineastas, as profissionais e as empresárias. As políticas do passado e do futuro. As jornalistas dos grandes e prestigiados órgãos de imprensa ou das pequenas redações perdidas país afora. As negras na luta corajosa contra o senhorialismo. As aeromoças, unidas, não só no ar, como na terra. As empregadas domésticas nessa longa e persistente batalha pelo reconhecimento de sua profissão. As pesquisadoras e as militantes. As marginais e as presidiárias. Todas aquelas que, não só aqui, mas no Chile, na África do Sul, na Nicarágua e na Palestina, apesar do sufoco, não têm sua imagem reproduzida no espelho dos horrores. E que recuperam a visão desse mundo com muita força, muita vitalidade.*

MULHERIO